

LAURA MORAIS

A NATUREZA DO AMOR ROMÂNTICO

Orientador: Professor Doutor Américo Baptista

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2015

LAURA MORAIS

A NATUREZA DO AMOR ROMÂNTICO

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, no curso de Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias com o despacho de nomeação de júri nº165/2016 com a seguinte composição de júri:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal

Arguente: Professora Doutora Joana Brites Rosa

Orientador: Professor Doutor Américo Baptista

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2015

Dedicatória

Aos meus pais,
por tudo.

Agradecimentos

Aos meus pais, por Tudo o que fizeram por mim, pelo amor, carinho e dedicação.

À minha família, avós, tios e primos, por todo o apoio ao longo destes cinco anos.

Ao Professor Américo Baptista, por todos os conhecimentos transmitidos, pelo apoio, pela exigência e rigor, pelas opiniões e honestidade.

À Professora Cristina Camilo, por ter estado sempre presente ao longo deste ano.

Ao Alexandre, por ter estado sempre ao meu lado, pelo carinho e motivação.

À minha amiga Sara, pela amizade construída ao longo do curso e por estar sempre presente.

Aos meus colegas e amigos Mariana, Irina e Orlando, por tudo o que passamos juntos, pela motivação e pela grande amizade.

À Vanessa, por este último ano, por todo o conhecimento transmitido, pelo apoio incondicional e pela maravilhosa amizade.

Às minhas queridas Sara e Margarida, por este ano cheio de aventuras, apoio, amizade e companheirismo.

À todos os participantes que contribuíram para a realização desta investigação.

Resumo

A presente investigação teve como objetivo a replicação do modelo original de Lee (1973) à população portuguesa, avaliando as diferenças entre sexos no amor romântico. A amostra foi constituída por 302 participantes que se encontravam num relacionamento amoroso. O protocolo de avaliação foi composto por um questionário sociodemográfico e as seguintes medidas: Escala de avaliação da relação – RAS (Hendrick, 1988); Escala triangular de amor de Sternberg – STLS (Sternberg, 1986); Escala de atitudes em relação ao amor – LAS (Hendrick & Hendrick, 1986); Escala de amor apaixonado – PLS (Hartfield & Sprecher, 1986); Escala de confiança nos relacionamentos – TCRS (Rempel, Holmes & Zanna, 1985) e Escala multidimensional do ciúme – MJS (Pfeiffer & Wong, 1989). Os resultados indicaram uma estrutura de doze fatores inicialmente, sendo forçada para uma estrutura de seis fatores tal como no estudo original. Não foram encontradas diferenças significativas entre sexos no que diz respeito aos seis estilos de amor. Verificaram-se correlações positivas e significativas entre Eros e Ágape, entre Ludus e Pragma e entre Pragma e Mania e ainda correlações negativas e significativas entre Eros e Ludus e entre Ludus e Ágape.

Palavras-chave: *amor romântico, relacionamento amoroso, estilos de amor*

Abstract

This research aimed to better the replication of the original model of Lee (1973) to the portuguese population, evaluating gender differences in romantic love. The sample consisted of 302 participants who were in a romantic relationship. The assessment protocol consisted of a sociodemographic questionnaire and the following measures: Relationship Assessment Scale – RAS (Hendrick, 1988); Sternberg Triangular Love Scale – STLS (Sternberg, 1986); Love Attitudes Scale – LAS (Hendrick & Hendrick, 1986); Passionate Love Scale – PLS (Hartfield & Sprecher, 1986); Trust in Close Relationships Scale – TCRS (Rempel, Holmes & Zanna, 1985) and Multidimensional Jealousy Scale – MJS (Pfeiffer & Wong, 1989). The results indicated a initial structure of twelve factors being forced to a six factors structure as in the original study. No significant differences were found between sexes with regard to the six styles of love. There were found positive and significant correlations between Eros and Agape, between Ludus and Pragma and between Pragma and Mania, and even negative and significant correlations were found between Eros and Ludus and between Ludus and Agape.

Keywords: *romantic love, romantic relationship, styles of love*

Lista de Abreviaturas e Siglas

RAS – Escala de avaliação da relação
STLS – Escala triangular do amor de Sternberg
PLS – Escala do amor apaixonado
TCRS – Escala de confiança nos relacionamentos
MJS – Escala multidimensional do ciúme
LAS – Escala de atitudes em relação ao amor
LU - Ludus
MA - Mania
AG - Agape
PR - Pragma
ER – Eros
ST- Storge

Índice Geral

Introdução.....	11
Capítulo I – Vinculação.....	14
1.1 O conceito de vinculação	15
1.2 A vinculação no jovem adulto.....	17
Capítulo II - Os relacionamentos amorosos	19
2.1 A importância dos relacionamentos amorosos.....	20
2.2 Os modelos de desenvolvimento das relações amorosas.....	21
2.3 A intimidade.....	23
2.4 As ruturas nas relações amorosas.....	24
Capítulo III – O amor.....	26
3.1 O conceito de amor.....	27
3.2 O amor na perspetiva neurobiológica	30
Capítulo IV – As teorias do amor.....	32
4.1 Teoria do amar e do gostar	33
4.2 Teoria do amor apaixonado e do amor companheiro.....	33
4.3 Teoria dos estilos de amor.....	34
4.4 Teoria triangular do amor.....	35
Capítulo V – A confiança nos relacionamentos amorosos.....	37
5.1 O conceito de confiança.....	38
Capítulo VI – O ciúme nos relacionamentos amorosos.....	41
6.1 O conceito de ciúme.....	42
6.2 Diferentes tipos de ciúme.....	43
6.2.1 Ciúme normal versus ciúme patológico.....	43
6.2.2 Ciúme romântico.....	44
6.3 Diferenças entre sexos no ciúme.....	45
6.4 Teoria sociocultural.....	45
6.5 Teoria da evolução.....	46
Capítulo VII – Conceptualização da Investigação.....	48
7.1 Objetivo e hipóteses.....	49
7.2 Caracterização da amostra.....	49
7.3 Medidas.....	50
7.3.1 Questionário de Dados Demográficos.....	50
7.3.2 Escala de avaliação da relação (RAS).....	51

7.3.3 Escala de atitudes em relação ao amor (LAS).....	51
7.3.4 Escala de amor apaixonado (PLS).....	52
7.3.5 Escala triangular do amor de Sternberg (STLS).....	53
7.3.6 Escala de confiança nos relacionamentos (TCRS).....	53
7.3.7 Escala multidimensional do ciúme (MJS).....	54
7.4 Procedimento.....	54
Capítulo VIII – Resultados.....	56
Capítulo IX – Discussão.....	68
Conclusão.....	73
Referências.....	74
Anexos.....	I

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caracterização da amostra por sexos.....	50
Tabela 2: Análise fatorial da Escala de atitudes em relação ao amor (LAS).....	58
Tabela 3: Propriedades psicométricas do fator Ludus.....	61
Tabela 4: Propriedades psicométricas do fator Mania.....	62
Tabela 5: Propriedades psicométricas do fator Ágape.....	62
Tabela 6: Propriedades psicométricas do fator Pragma...-.....	63
Tabela 7: Propriedades psicométricas do fator Eros.....	63
Tabela 8: Propriedades psicométricas do fator Storge.....	64
Tabela 9: Validade convergente e discriminante entre os estilos de amor da LAS.....	65
Tabela 10: Validade convergente e discriminante entre os estilos de amor da LAS e as outras escalas de amor.....	66
Tabela 11: Diferenças entre sexos nos estilos de amor e nas escalas de amor.....	67

Introdução

Os relacionamentos amorosos são fundamentais no desenvolvimento dos indivíduos e das suas relações sociais, proporcionando sentimentos intensos e envolventes na vida do ser humano adulto (Andrade & Garcia, 2009). A literatura aponta, de forma consensual, que a criação e a manutenção de relacionamentos íntimos são primordiais na promoção do bem-estar das pessoas (Laurenceau, Rivera, Schaffer & Pietromonaco, 2004). Deste modo, estas relações têm um grande impacto na vida quotidiana de quase todos os indivíduos tendo em consideração o tempo que as pessoas dedicam às suas relações, nas atividades que compartilham e nos papéis que os companheiros desempenham nas mesmas (Neto, 1992). Cada pessoa desenvolve e vive diversas relações amorosas no decorrer da sua vida. O curso e a intensidade destas vivências são essenciais para a realização e desenvolvimento pessoal. A experiência do amor é procurada por muitos sendo relevante para as relações sociais e também por ser um dos sentimentos mais fortes e prazerosos da vida (Sternberg, 1998).

O amor pode ter diversos significados, apesar de ter como foco a descrição de um sentimento, o qual desencadeia um conjunto de sentimentos distintos consoante o sujeito que o experiencia (Gikovate, 2006). O amor pode ser definido como sendo uma atitude enquanto outros descrevem o amor como uma emoção. O desenvolvimento deste conceito baseou-se na criação de escalas validadas para uma melhor compreensão e para possibilitar a medição do mesmo (Berscheid, 2010). O amor é considerado um construto complexo sendo estudado há cerca de três décadas, uma vez que provoca uma grande preocupação na psicologia social (Andrade & Garcia, 2009), uma vez que o ser humano vivencia-o ao longo da sua vida (Rubin, 1970). O amor pode ser também definido como um “fenómeno neurobiológico complexo que se baseia em ações cerebrais de confiança, crença, prazer e recompensa envolvendo um conjunto importante de mensageiros químicos”. O amor romântico é considerado como uma das áreas cerebrais fundamental para existir os processos de união de pares e de reprodução (Fisher, 2004).

As investigações realizadas acerca do amor levaram à criação de diversas teorias, sendo que cada autor defende a sua própria perspetiva. Como teorias principais distinguem-se as seguintes: a Teoria do Gostar e do Amar (Rubin, 1970), a Teoria do Amor Apaixonado e do Amor Companheiro (Hartfield, 1988), a Teoria dos Estilos de Amor (Lee, 1973) e a Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986).

No âmbito das relações íntimas, muitas vezes estão patentes a confiança e o ciúme. O ciúme pode estar presente em sujeitos imaturos bem como em indivíduos sem qualquer doença mental, visto como um sentimento de insatisfação, representado pelo medo de perda do parceiro

ou pelo incómodo de uma experiência real ou imaginária de um relacionamento entre o companheiro e uma terceira pessoa (Buss, 2000). Deste modo, este pode ser vivenciado de forma negativa numa relação íntima, quando esta é ameaçada por um rival (Harris, 2004). A presença do ciúme pode ser considerada como uma resposta protetora frente a ameaças à autoestima e à relação, apresentando uma importante sabedoria emocional (Buss, 2000). Este pode ser visto como a elaboração de uma estratégia para manter a atenção, o amor e a exclusividade do companheiro, manifestando-se de diversas maneiras consoante o sexo (Weerth & Kalma, 1993). Por um lado, o ciúme é visto como um sentimento (Pines, 1998) enquanto por outro é considerado como uma emoção negativa (Buss, 2000). Uma vez que este é considerado como uma emoção multifacetada provocada por perceções de ameaça, verifica-se ser uma das emoções mais presentes e vividas nas relações amorosas (Guerrero, 1998).

No que diz respeito à confiança, esta é definida como um conjunto de aptidões do ser humano, que lhe permitem estabelecer uma estabilidade cognitiva, afetiva e comportamental notável, em diversas circunstâncias e com múltiplos parceiros de interação. Inicialmente, o Homem vivencia experiências interpessoais que iram permitir-lhe desenvolver e manter confiança com os parceiros com quem interage, transmitindo tendências parecidas para os seus relacionamentos amorosos com outros companheiros. Deste modo, quanto maior a disponibilidade do indivíduo para novos relacionamentos, maior será o nível de confiança com os seus parceiros (Rusbult, Wieselquist, Foster & Witcher, 1999).

A presente investigação teve como principal objetivo a replicação do modelo original de Lee (1973) à população portuguesa, avaliando as diferenças entre sexos no amor romântico.

Para a exposição das problemáticas esta dissertação encontra-se dividida em diversos capítulos sendo que os primeiros baseiam-se no Enquadramento Teórico: onde se aborda o enquadramento da descrição da vinculação, nomeadamente da vinculação no adulto; os Relacionamentos Amorosos; o Amor; as Teorias do Amor; a Confiança e o Ciúme. Numa segunda parte é apresentada a conceptualização da Investigação e por fim os resultados: onde se analisa os resultados obtidos de acordo com o que é formulado no estudo; A discussão de resultados, onde se debatem as implicações dos resultados, associando também a revisão de literatura apresentada na fundamentação teórica; e a conclusão, onde constam as conclusões do presente estudo, as suas limitações e propostas para investigação futura.

Enquadramento teórico

Capítulo I – Vinculação

1.1 O conceito de vinculação

A vinculação começou a ser estudada à luz da psicanálise, sobretudo, através das relações objetais. Na teoria psicanalista interessava compreender a resposta da criança à separação da mãe, assim como o que as ligava (Bowlby, 1958, 2002). O primeiro vínculo do recém-nascido é normalmente com a mãe ou a pessoa que lhe presta cuidado sendo este vínculo, a base de todas as futuras relações (Soares, 2007) e da construção da futura personalidade da criança (Hall, Lindsey & Campbell, 2000). A teoria desenvolvida por Bowlby (1958) é fundamentalmente uma teoria da origem e da natureza do amor, uma vez que junta conteúdos da psicanálise, da etologia e de sistemas de controlo. A vinculação pode ser caracterizada como um conceito psicológico que possibilita explicar o desenvolvimento, a construção do *self* bem como o comportamento do Homem, salientando o facto do ser humano desenvolver-se ao crescer, sentir, pensar e comunicar com os outros (Soares, 2007).

Através da teoria da vinculação, pode-se afirmar que o ser humano tem necessidade em criar relações afetivas ao longo da sua vida com a finalidade de alcançar segurança, possibilitando a análise do meio ambiente com confiança (Ainsworth & Bowlby, 1991).

Deste modo, Bowlby foi visto como pioneiro da vinculação permitindo através das suas investigações, uma melhor compreensão e fiabilidade deste conceito. Com o apoio de diversas áreas tais como a psiquiatria, a psicologia, a etologia, a cibernética, foi possível o crescimento científico da vinculação através da integração dos resultados de investigação (Soares, 2007). Bowlby teve conhecimento das investigações realizadas em contexto animal, principalmente com os estudos de Lorenz (1937) com os patos e os gansos e com os trabalhos de Harlow com macacos, que lhe permitiram evidenciar a relevância do conforto da proximidade da figura de vinculação e das relações sociais existentes no desenvolvimento dessa relação de vinculação (Soares, 2007).

Lorenz (1937) e Harlow (1958) foram alguns dos autores que incidiram acerca desta temática. Konrad Lorenz (1937) estudou o comportamento de aves, nomeadamente de patos e de gansos, e observou que, quando estas aves saem da casca do ovo, seguem o primeiro objeto em movimento. Na natureza, normalmente, seguem a progenitora e vinculam-se a esta, mas o autor observou que quando as aves saíam da casca seguiam o primeiro objeto em movimento, mesmo que este não fosse a sua mãe. Neste sentido, a conclusão da observação foi a vinculação que as aves efetuam ao primeiro objeto em movimento, num período crítico de dois dias. O *imprinting* é um tipo de aprendizagem que ocorre no início de vida e que está na génese da vinculação nas aves (Alcock, 2007; Bowlby, 1990).

Para além das experiências de Lorenz (1937), as investigações de Harlow (1958) com macacos *rhesus*, tinham igualmente, o objetivo de demonstrar como ocorre a vinculação, neste caso em macacos. No estudo de Harlow (1958), os macacos *rhesus* foram divididos em dois grupos, sendo que quatro eram alimentados por um modelo de feltro, quente e macio, e os restantes eram alimentados por um modelo de arame. As conclusões retiradas das observações foram que, independentemente de quem alimentava as crias, estas passavam, uma média de 15 horas por dia, junto à figura de feltro e quando necessitavam de alimento debruçavam-se sobre a figura de arame que era detentora do alimento e regressavam, novamente, para junto da figura de feltro.

O autor afirmava que o padrão de vinculação da criança não depende das primeiras ligações/interações entre o mesmo e a mãe ou figura de vinculação, sendo que os seus estudos iniciais tinham como objetivo perceber de forma mais aprofundada a evolução e a importância da vinculação na vida da pessoa (Bowlby, 1990). Bowlby (1990) caracterizou a vinculação como um padrão de comportamento que ocorre quando o recém-nascido desenvolve uma relação próxima e intensa com a figura de vinculação sendo esta mesma considerada como a mais forte. Assim, o choro, o sorriso, o comprimento são comportamentos típicos do bebé na presença da mãe sendo que a partir dos seis meses, este começa a manifesta-los perante pessoas terceiras como forma de exploração (Bowlby, 1988). No entanto, quando a criança vivencia um encontro a sós com pessoas desconhecidas, esta manifesta alguma angustia refutando a ausência da mãe de modo a obter de novo o contacto com a mesma. Esta reação irá ocorrer até aos 2/3 anos, tendo tendência para diminuir com o tempo (Bowlby, 1990).

Ainsworth e colaboradores (1978) observaram diferenças entre os indivíduos no que diz respeito ao seu comportamento, ou seja, verificou-se a existência de vários estilos de vinculação seguro, evitante e ambivalente. Assim, identificaram três grupos distintos em função de comportamentos observados ao longo da investigação. O grupo seguro caracteriza-se pela elevada procura, proximidade e comunicação com a figura de vinculação, com ausência de resistência. O grupo evitante tem um comportamento de evitamento relativamente à figura de vinculação, uma vez que a ignora no momento da reunião. Além disto, não resiste ao contacto da figura estranha e não protesta na ausência da figura de vinculação, tratando o sujeito estranho de forma semelhante à figura de vinculação (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). Por fim, o grupo dos ambivalentes demonstra um comportamento de resistência ao contacto e à atividade de procura. Este grupo pode procurar o contacto da figura de vinculação,

demonstrando uma grande irritabilidade ou uma passividade relativamente, com a ausência a de uma tentativa de aproximação (Ainsworth et al, 1978; Soares, 2007).

A mesma autora defendeu que uma relação de vinculação pode distinguir-se das outras relações devido às suas características sendo essas: a procura de proximidade, o construto de base segura, a percepção do comportamento de refúgio e as reações existentes perante a separação (Ainsworth, 1968). Deste modo, a durabilidade da relação estabelecida quer com a mãe quer com a figura de vinculação, parece ser uma variável importante, não dando relevância às relações transitórias ou somente de dependência situacional (Ainsworth, 1968).

1.2 A vinculação nos jovens adultos

Matos e Costa (2006) afirmavam que a criação de relacionamentos com pessoas significativas leva à elaboração de expectativas perante as mesmas, sendo então necessário o estabelecimento de um equilíbrio emocional nas relações íntimas. Os mesmos autores salientaram a existência de uma relação direta entre os pais e o parceiro.

Numa investigação realizada no âmbito dos relacionamentos amorosos, Hazan e Shaver (1987) relataram três tipos de vinculação amorosa nos adultos ou jovens adultos: vinculação segura, evitante ou ambivalente. No padrão de vinculação segura integram-se adultos com capacidade para desenvolver relacionamentos amorosos de longa duração, manifestando poucas inquietações relativamente aos mesmos. Assim sendo, os indivíduos demonstram mais capacidade de aceitação no que diz respeito ao seu companheiro, definindo as suas relações como saudáveis e duradouras. Por sua vez, os jovens adultos ou adultos que evidenciam um padrão de vinculação evitante demonstram desconforto nas suas relações amorosas assim como dificuldades em estabelecer confiança. De modo geral, estes relacionamentos íntimos descrevem-se por ser distantes e de pouca intensidade ao nível emocional. Por ultimo, no padrão de vinculação ambivalente, os indivíduos estão constantemente à procura de carinho e afeto do seu parceiro, manifestando uma elevada preocupação no que diz respeito à sua relação e demonstrando comportamentos obsessivos e instabilidade emocional.

O sistema de vinculação no adulto está relacionado com diversos fatores e características que promovem um sistema de comportamento que possibilita a construção de relações íntimas através da proximidade entre as pessoas perante o surgimento de atração física e/ou sexual (Hazan & Shaver, 1994). Em relação ao sistema de cuidado, verifica-se que na infância está associado à promoção da proteção perante situações de *distress* e vulnerabilidade. Por sua vez, no adulto está ligado à capacidade de o sujeito se sentir atraído por alguém que necessita deste

cuidado e que exista espaço para a expressão do medo ou de alguma fragilidade (Hazan & Shaver, 1994).

O interesse sexual é iniciado a partir da adolescência e caracteriza-se pela gratificação das necessidades sexuais. Esta necessidade é satisfeita quando se encontra uma pessoa por quem o sujeito se encontre atraído fisicamente (Hazan & Shaver, 1994). Segundo Buss (2005) existem várias características que influenciam a atração física e estão associadas à juventude e à saúde, tal como existem fatores relacionados com o estatuto social, recursos económicos, popularidade, estrutura física e inteligência.

Hazan e Shaver (1987) afirmaram, com base no seu estudo e nas investigações, que o parceiro passa a ser o vínculo principal após uma duração mínima de dois anos, seguindo-se as figuras materna e paterna. Contudo, a importância do vínculo amoroso pode sofrer alterações consoante o nível de satisfação das necessidades obtidas pela família (Hazan & Shaver, 1987). Em concordância com a investigação anterior, os estudos de Trinke e Bartholomeu (1997) demonstraram que os sujeitos apontavam o seu parceiro como figura de vinculação principal seguida dos vínculos com os pais, os irmãos e amigos. Na adolescência, as relações estabelecidas são caracterizadas pelo seu carácter exploratório influenciado pelas figuras de vinculação.

A vinculação com os pais podem então influenciar os relacionamentos amorosos. No entanto, o contrário também pode ser observado, isto é, uma vinculação segura com o parceiro pode permitir um relacionamento adequado com os pais, parecendo haver uma ligação direta entre a vinculação e o companheiro amoroso (Matos & Costa, 2006).

Capítulo II- Relacionamentos Amorosos

2.1 A importância dos relacionamentos amorosos

Os relacionamentos amorosos têm uma função importante no desenvolvimento dos indivíduos e das suas relações sociais, originando sentimentos intensos e envolventes na vida do ser humano adulto (Andrade & Garcia, 2009), estando documentado na literatura, de forma consensual, que a criação e a manutenção de relacionamentos íntimos são fundamentais na promoção do bem-estar das pessoas (Laurenceau et al. 2004).

As relações amorosas têm um grande impacto na vida quotidiana, de quase todos os indivíduos tendo em consideração o tempo que as pessoas dedicam às relações, nas atividades que compartilham e nos papéis que os companheiros desempenham nas mesmas (Neto, 1992). Neste sentido, As pessoas procuram o amor e envolvem-se romanticamente porque acreditam ter encontrado o amor ou terminam a relação porque pensam que já não existe este sentimento (Lee, 1998). Cada pessoa desenvolve e vive diversas relações amorosas no decorrer da sua vida, pelo que o curso e a intensidade destas vivências são essenciais para a realização e desenvolvimento pessoal. Para além deste facto, a experiência do amor é procurada por muitos sendo relevante para as relações sociais e também por ser um dos sentimentos mais fortes e prazerosos da vida (Sternberg, 1998). Em investigações realizadas, verificou-se que os indivíduos apaixonados podem viver num mundo melhor do que as pessoas que não o estão, podendo-se afirmar que as pessoas apaixonadas “vêm o mundo através de óculos cor-de-rosa” (Hendrick & Hendrick, 1992).

Num estudo desenvolvido por Hofmann, Finkel e Fitzsimons (in press), verificou-se que quanto maior a satisfação de uma relação mais importante será a eficácia da autorregulação, influenciando então o desempenho e a concretização das metas. Noutra investigação desenvolvida por Hui, Finkel, Fitzsimons, Kuma e Hoffmann (2014), observou-se que o compromisso numa relação íntima leva os indivíduos a apoiar os interesses pessoais do seu companheiro. No entanto, este fenómeno diminui se este considere que esses mesmos interesses podem ameaçar ou ameaçam o seu relacionamento ou até quando a ameaça pode ter consequências no mesmo. Os sujeitos tornam-se capazes e dispostos para por de parte os seus interesses de modo a conservar a sua relação. Verificou-se também que o compromisso fortalece a relação entre a motivação numa relação e a procura de objetivos Hui et al.,2014).

Numa investigação realizada por Roth, Rosenberger, Hensel, Wiehe, Fortenberry e Wogner (2015), verificou-se que os comportamentos de risco estão diretamente relacionados com as características da relação íntima estabelecida assim como com o equilíbrio emocional. Deste modo, observou-se que as mulheres estão mais predispostas a relações íntimas protegidas

com parceiros não românticos. Caso o companheiro seja considerado como par amoroso, esta predisposição tende a diminuir, aumentando os comportamentos de risco. O mesmo se confirmou no estudo desenvolvido por Feldstein Ewing e Bryan (2015).

2.2 Os modelos de desenvolvimento das relações amorosas

Segundo Regan (2008), destacaram-se três tipos de modelos de desenvolvimento das relações amorosas: modelos de seleção do parceiro, modelos processuais e modelos preditores das relações conjugais.

Deste modo, o autor afirmava que o modelo de seleção do parceiro relacionava-se com a evolução dos casais, passando por etapas significativas, das quais resultava um aumento de envolvimento e de compromisso. A busca de companheiro baseava-se na igualdade relativamente às atitudes, aos valores e às experiências sociais e, caso contrário, os pretendentes são rejeitados. Estes modelos evidenciavam maioritariamente o filtro, apesar de não estar presente em todas as teorias. A teoria do filtro (Kerckhoff & Davis, 1962), a teoria da roda (Reiss, 1980) e a teoria dos estímulos valores-papeis (Murstain, 1976) foram alguns destes modelos de seleção do parceiro. A teoria do filtro salientava a presença de filtro ao longo do processo de seleção do parceiro, uma vez que é feita uma avaliação dos possíveis companheiros relativamente aos atributos sociais inicialmente, às suas atitudes e valores e por fim, a sua complementaridade, havendo sempre uma rejeição dos companheiros incompatíveis. Por sua vez, a teoria da roda (Reiss, 1980) punha em evidência quatro fases na escolha do companheiro sendo que estas encontravam-se relacionadas umas com as outras e apresentam-se sequencialmente. Num primeiro momento, a ligação era observada através da disponibilidade para comunicarem o à vontade em comunicarem, tendo como fator facilitador a similaridade. Neste caso, se a harmonia estiver presente nos parceiros, ambos poderão começar a revelarem-se. Num segundo período, tendem a falar um pouco mais de si a vários domínios tais como valores e crenças, conduzindo a uma dependência entre os dois indivíduos. Deste modo, na terceira fase, os sujeitos apoiavam-se um ao outro com a finalidade de atingir certos objetivos ou porque ajudar o outro tornou-se um hábito. No entanto, o indivíduo podia vivenciar frustração se não alcançar esses mesmos objetivos ou hábitos, tendo repercussão na sua relação. No último momento, a pessoa sentia necessidade de avaliar as suas satisfações com o seu parceiro, nomeadamente a intimidade, o apoio e o amor.

No que diz respeito ao modelo estímulo-valor-papel, Mustein (1976) salientava a presença de três períodos para selecionar um parceiro, sendo que o primeiro baseia-se nos aspetos físicos do mesmo. Deste modo, o indivíduo focava a sua atenção sobre os

comportamentos do outro, avaliando ao mesmo tempo a reciprocidade da atração. Caso a atração seja recíproca, o indivíduo avaliava as crenças e os valores do outro, para observar ou não a presença da compatibilidade entre ambos, sendo esta a segunda fase. No último período, a pessoa necessitava avaliar os papéis que o seu parceiro possa vir a desempenhar na sua relação (e.g marido/mulher, pai/mãe, entre outros).

Contudo, estas teorias apresentavam algumas limitações, sendo que a principal referia-se ao facto de todas considerarem as relações amorosas com o mesmo avanço, o mesmo curso, ou seja, as fases e os períodos ocorrem sempre na mesma ordem. No entanto, os relacionamentos amorosos pareciam ser únicos até determinada altura (Dywer, 2000).

Relativamente aos modelos processuais, estes evidenciavam um avanço gradual dos relacionamentos amorosos, não existindo fases nem períodos definidos. Deste modo, é com base nas mudanças ocorridas na intimidade e na revelação de cada parceiro que se desenvolve a relação. As teorias que se enquadravam nestes modelos são: a teoria de penetração social, a teoria da intimidade e os modelos de trocas sociais.

A teoria de penetração social, desenvolvida por Altman e Taylor (1973), foi uma das primeiras teorias que tinham origem relativamente à temática referida neste âmbito. Esta salientava o papel fundamental da autorrevelação no desenvolvimento dos relacionamentos amorosos, considerando que o aumento de intimidade e a diversidade das áreas reveladas conduziam a um nível de compromisso mais significativo por parte dos parceiros. Inicialmente, os indivíduos tendiam a revelar poucos dados sobre si próprios, mas com o decorrer da relação, a informação era cada vez mais detalhada e abrange múltiplas áreas, havendo cada vez mais intimidade.

Contudo, acreditava-se que o desenvolvimento de uma relação dependia também das reações do parceiro perante as revelações do outro e não só da quantidade de informação e de áreas reveladas. A teoria da intimidade desenvolveu-se nesta perspetiva, baseando-se na importância de uma reação positiva à autorrevelação do parceiro. Neste contexto, este sentia mais confiança e segurança, e também cuidado que permitiam um maior nível de intimidade, e assim, o desenvolvimento de uma relação amorosa (Regan, 2008).

Durante as relações amorosas, a troca de recompensas e de custos que ocorriam são a base para o desenvolvimento de um relacionamento amoroso, pelo que esta premissa era a base para o desenvolvimento do modelo de trocas sociais. Esta foi a base de modelo de trocas sociais (Regan, 2008). A criação de relacionamentos amorosos baseava-se em grande parte na

intimidade, sendo um dos pilares fundamentais. No entanto, não foi possível elaborar uma definição única, uma vez que se trata de um construto complexo (Regan, 2008).

O ser humano pode manifestar diversas estratégias de união de pares podendo estas ser de curta ou longa duração. Sugeriu-se que os traços de personalidade, incluindo diferenças individuais relativas à empatia, possam influenciar o tipo de estratégias de união de pares utilizadas pelo indivíduo (Wlodarski, 2015). Esta investigação teve como finalidade analisar as relações entre os diversos tipos de empatia e o tipo de estratégia de união de pares de curto prazo, o desejo sexual. Verificou-se que os homens têm maior tendência a desenvolver estratégias de união de pares a curto prazo quando comparados com as mulheres (Wlodarski, 2015). Observou-se também que as capacidades cognitivas de empatia estão relacionadas positivamente com níveis elevados de desejo sexual, embora sejam mais importantes nos indivíduos com níveis de empatia afetiva altos (Wlodarski, 2015). Deste modo, a capacidade de empatia é essencial no começo, no desenvolvimento e na manutenção de relações sociais sendo que a empatia afetiva e cognitiva estão relacionados com o sucesso de relações de longa duração (Wlodarski, 2015). Hunt, Eastwick e Finkel (2015) demonstram que a união de pares baseada na atração era mais patente em casais nos quais não existia amizade antes de iniciar uma relação íntima. Do mesmo modo, casais que se formam logo após o primeiro encontro, eram mais suscetíveis à atração física do que os casais formados tempos após esse encontro (Hunt, Eastwick & Finkel, 2015).

2.3 A Intimidade

O conceito de intimidade é utilizado no senso comum, tal como é alvo de estudo a nível científico sendo um termo complexo e ambíguo (Costa, 2005). A intimidade inicia-se durante a infância através das relações estabelecidas com os pais ou com outras pessoas, sendo que se desenvolve de forma contínua com a identificação com os pais. Deste modo, a intimidade está patente ao longo da vida do indivíduo, adquirindo significados e formas diferentes consoante as relações de amor vivenciadas (Costa, 2005).

Segundo Pasini (1990), a intimidade era um elemento eficaz de avaliação do relacionamento, sendo esta mais eficiente do que a capacidade sexual. Assim, esta permitia aos casais refletirem sobre a sua qualidade de vida. Apesar da sua complexidade, considerava-se que, de forma simples, a intimidade era um elemento fundamental nos relacionamentos amorosos, sendo um pilar do amor (Sternberg, 1998).

Reis e Patrick (1996) elaboraram um modelo da intimidade com o objetivo de integrar as diversas definições e teorias relativas à intimidade. O processo interpessoal da intimidade

tem como finalidade incluir os vários contributos da teoria da vinculação para compreender mais especificamente o termo de intimidade. A autorrevelação e a responsividade dos parceiros são dois elementos fundamentais da intimidade. O primeiro elemento é relativo aos dados revelados aos companheiros e esta informação é dividida em duas categorias: a revelação descritiva, que se refere à comunicação de dados pessoais, e a revelação emocional ou avaliativa, na qual o indivíduo tende a revelar sentimentos, emoções e opiniões pessoais. Esta segunda categoria relaciona-se de forma mais concreta com a intimidade sendo facilitadora da visão dos dois indivíduos com um só. Relativamente à responsividade dos parceiros, esta verifica-se em períodos de preocupação, respeito e compreensão pela outra pessoa (Narciso & Ribeiro, 2009).

Segundo Prager (2000), a intimidade tinha vários componentes tais como a compreensão, o afeto pelo outro, a autorrevelação, que altera os processos de elaboração dos relacionamentos tais como o compromisso, a confiança, entre outros e vice-versa. A intimidade era o conjunto de elementos denominados de confiança, autorrevelação, sexualidade e apoio emocional (Narciso & Ribeiro, 2009). Narciso e Ribeiro (2009) defendiam que os relacionamentos íntimos baseavam-se na junção do amor, da intimidade e do compromisso (Narciso & Ribeiro, 2009).

No que diz respeito à estabilidade e à qualidade das relações amorosas, verificava-se que podem ser dependentes ou não, existindo pouco consenso neste âmbito. Deste modo, existiam relacionamentos duradouros apesar dos indivíduos não estarem satisfeitos, e relações de qualidade que acabavam (Adams & Jones, 1997).

Neste contexto, alguns autores defendiam como fatores de qualidade, a frequência dos relacionamentos sexuais, a satisfação, a comunicação (Rhoades, Stanley & Markman, 2012a) sendo que outros teóricos salientavam a autorrevelação, a segurança e o conflito como elementos de qualidade (Miller & Teddar, 2011).

2.4 Ruturas nas relações amorosas

No entanto, no âmbito dos relacionamentos íntimos, podem ocorrer ruturas. A rutura pode ser descrita como sendo um “ato ou efeito de romper, fratura”, um “corte de relações” (Costa & Melo, 1999). O conceito de rutura pode ser utilizado em vários contextos tanto ao nível do corpo humano (rutura de um membro), mas também a rutura de um determinado objeto bem como uma rutura de relações sejam essas amigáveis, familiares ou até conjugais.

Nos relacionamentos amorosos, as ruturas podem levar a importantes consequências uma vez que o indivíduo encontrava-se numa situação de conforto, confiança e percecionava a

sua relação como eterna e adquirida. Em caso de rutura, manifestam-se determinadas emoções e sentimentos tais como a tristeza, a raiva, o medo e também a vergonha. A rutura no relacionamento amoroso é visto como um acontecimento doloroso e possibilidade de esta vir a ocorrer torna-se perturbador para a pessoa (Kross, Berman, Mischel, Smith & Wager, 2011).

O Homem tende a conceber e assegurar relações interpessoais duradouras e benéficas através da socialização e da vida em comunidade (Baumeister & Leary, 1995). Desenvolvem-se, assim, mecanismos biopsicológicos com o objetivo de evitar o afastamento social ou até alertar para a possibilidade de este poder vir a ocorrer (Leary & Downs, 1995).

Segundo Lazarus (1991), este mecanismo é ativado quando o indivíduo se sente pouco valorizado ou desvalorizado pelo companheiro, desencadeando as respostas emocionais à rutura. A fase depressiva está patente após uma rutura relacional ou um divórcio sendo que observou-se que 63 % das pessoas referem que o afastamento da pessoa amada está relacionado com a sua tristeza e 28 % afirmam estar triste pela rejeição ocorrida como consequência da rutura (Lafland, 1982).

Quanto maior for o sentimento de rejeição, maior será a dor vivenciada pelo indivíduo ao nível emocional, estando esta dor relacionada diretamente com as expetativas criadas perante a relação. Neste sentido, quanto maior for a discrepância entre a expetativa e a realidade, maior será o nível da dor. A pessoa pode manifestar tristeza antes da rutura ao verificar que o seu relacionamento estava deteriorado ou até sentir raiva ao considerar a rutura como uma injustiça (Leary et al, 2001).

Frequentemente, a rutura de um relacionamento amoroso está associada ao ciúme, uma vez que a relação é vista como danificada ou desvalorizada pelo outro. Esta perceção pode ser real ou imaginária e provoca comportamentos de raiva, ataques, agressões físicas, de modo a chamar a atenção do outro para si (Leary et al, 2001).

Capítulo III- O Amor

3.1 O conceito de Amor

O conceito de amor, do latim “*amore*”, assume diversos significados, apesar de ter como foco a descrição de um sentimento, o qual desencadeia um conjunto de sentimentos distintos consoante o sujeito que o experiencia (Gikovate, 2006). O amor é sempre dirigido a um alvo (uma pessoa, um objeto, Deus, entre outros), desenvolvendo-se no âmbito de uma relação estabelecida. As relações amorosas baseiam-se em interações mútuas e voluntárias de ambas as partes, da mesma forma que as relações de amizade.

O amor pode ser definido como uma atitude ou então como uma emoção. O desenvolvimento deste conceito baseou-se na conceção de escalas validadas para uma melhor compreensão e para possibilitar a medição do mesmo (Berscheid, 2010). O amor é visto como o sentimento mais profundo e significativo (Rubin, 1974), sendo descrito como “o produto mais fantástico de dez milhões de anos de existência” (Lorenz, 1990).

Na literatura e na música, este conceito ocupa uma posição significativa (Winter, Duncan & Summerfield, 2005), partindo do pressuposto que já foi vivenciado pela maioria das pessoas, nem que seja de forma ocasional (Rubin, 1974) e integrado na vida de quase todas as pessoas e em todas as culturas (Andrade & Garcia, 2009). O amor é considerado um construto complexo sendo estudado há cerca de três décadas, provocando inquietude e tendo impacto sobretudo na psicologia social (Andrade & Garcia, 2009), uma vez que o ser humano vivencia-o ao longo da sua vida (Rubin, 1970). Relativamente às investigações realizadas no âmbito do amor, são vários os estudos sendo que cada teórico defende a sua teoria. No entanto, as diversas perspetivas têm como objetivo comum, estabelecer uma definição única do amor (Silva, 2003).

Segundo Brehm (1985), existem inúmeros estudos sobre o amor bem como diversas teorias mas não é possível estabelecer uma única definição do amor que seja aceite pelos investigadores de outras áreas sociais. O amor é uma emoção que pode ser vivenciada durante um longo período de tempo ou então ocasionalmente, com diversas intensidades suave a intensa e com diferentes formas de se manifestar (amor materno, amor romântico, amor próprio, entre outros). O nível de tensão do amor pode variar entre uma paixão agitada e violenta ou um afeto sereno (Silva, 2003). Para Neto (2000), o amor apresenta dois sentidos: uma condição emocional de curta duração e uma predisposição prolongada para desfrutar esses sentimentos perante o outro. Neste contexto, com o decorrer do tempo, os teóricos tentam definir o amor, sendo que algumas dessas noções eram meramente racionais enquanto outras eram emocionais.

Freud (1996) afirma que só depois da construção do ideal do ego do indivíduo é possível existir um amor perante um objeto externo, ou seja, quando a sua energia libidinal estiver

dirigida para ele. Deste modo, a escolha do parceiro depende de aspetos que faltam ao indivíduo, para o outro poder completá-lo. Reik (1944) defende o amor como um foco de atenção para outro corpo ou outra personalidade, existindo então motivações externas e não somente focado no sujeito como defendia Freud. Para Watson (1924), o amor é uma emoção inata que ocorre com a estimulação das zonas erógenas, enquanto Fromm (1956) afirma que a existência do amor surge para diminuir a solidão e o isolamento. Maslow (1962) afirma a existência de dois estilos de amor sendo o primeiro D-love, um amor pelo outro baseado nas suas próprias deficiências de modo a atenuar as mesmas e o B-love sendo um amor presente em indivíduos capazes de amar o outro pelo que este realmente é, sendo um tipo de amor presente em pessoas realizadas.

O amor é um reforço de comportamentos de ambas as partes segundo Skinner (1991), sendo que esta ideia vai de acordo com os estudos de neuroimagem nos quais verificou-se o sistema de recompensa mais ativo na visualização de fotos do sujeito amado (Aron, Fisher, Mashek & Strong, 2005)

Hendrick e Hendrick (1992) afirmam que o amor romântico está somente patente desde o século XII e apenas na cultura ocidental. Em oposição, Berscheid (2010) salienta a existência de documentos como a Bíblia no qual encontra-se a presença de amor romântico e desejo. A perspetiva da Psicologia Social define o amor como sendo uma mera vivência no dia-a-dia do indivíduo (Neves, 2007). Deste modo, o amor manifesta-se de forma distinta consoante a cultura na qual o indivíduo é integrado. O período histórico, as características da cultura são fatores que influenciam o significado do amor bem como as funções do amor (Beall & Sternberg, 1995). Jankowiak e Fisher (1992) estudaram 186 culturais nas quais verificaram indicadores do amor romântico (88,5%), defendendo a existência transcultural do amor romântico.

Num estudo desenvolvido por Gonzaga, Keltner, Lon Dahl e Smith (2001), verificou-se que o amor serve como dispositivo de compromisso numa relação de longa duração, tendo então uma função essencial na motivação do indivíduo, na demonstração de compromisso e no reforço de comportamentos e percepções. Observou-se também que experienciar o amor e demonstra-lo permitia prevenir comportamentos tais como a resolução construtiva de conflitos, percepções em vários contextos (confiança autodeclarada), para além de traços de personalidade relacionados com o aumento da intimidade. Por outro lado, outros sinais comportamentais como movimentos da cabeça para baixo são observados em situações não emocionais. Quanto

á afiliação, o estudo mostrou estar associada ao amor e não ao desejo, sendo que não foi consistentemente relacionado a sinais sexuais.

Numa investigação realizada com adolescentes e jovens adultos (Choukas- Bradley, Goldberg, Widman, Reese e Halpern, 2015), observou-se que os comportamentos não sexuais eram mais desejados quando comparados com os comportamentos sexuais. Deste modo, comportamentos tais como dar a mão, beijar, assumir a relação, sair sozinho são considerados como mais importantes, surgindo depois desses comportamentos sexuais.

Diversas investigações demonstraram que determinados rituais de corte tais como o beijo romântico podem ser fontes de informação no que diz respeito à qualidade do parceiro (Wlodarski & Dunbar, 2013). Estes mesmos autores desenvolveram duas investigações com o objetivo de analisar as capacidades de beijo romântico como transmissão de informação assim como a sua influência na avaliação dos potenciais companheiros. Deste modo, o primeiro estudo foi constituído por 724 participantes, aos quais foram apresentados descrições de parceiros para classificá-las consoante a sua desejabilidade que relacionar-se intimamente com o mesmo. O segundo estudo foi constituído por 178 participantes, tendo um procedimento idêntico ao primeiro, no entanto com as descrições de parceiras eram apresentadas informações visuais sobre os mesmos. Verificou-se que um sujeito avaliado com capacidades em beijar era visto pelos outros como mais atraente e encontravam-se mais disponíveis a ter relações sexuais com o mesmo. O contrário ocorria se o indivíduo fosse considerado com baixas capacidades em beijar. No entanto, esse comportamento poderia estar mais patente no sexo masculino. Por sua vez, o efeito do beijo do companheiro desejado era mais presente nas mulheres sendo que estas se mostravam mais disponíveis para se relacionar intimamente. Deste modo, o beijo é fundamental na avaliação do companheiro sendo que o indivíduo tende a avaliar as capacidades do outro a beijar, influenciando a sua atração, a sua opinião do outro relativamente a relações sexuais ocasionais bem como ao seu envolvimento numa longa duração. Os resultados mostraram então que a qualidade do beijo pode estar relacionado com a qualidade do companheiro. O beijo também influencia o apego entre os sujeitos, existindo uma libertação de dopamina (Wlodarski & Dunbar, 2013). O olfato parece ser fundamental na avaliação do parceiro, tendo um papel mais importante que a visão. Verificou-se que as informações visuais não influenciavam a avaliação feita dos parceiros, nos casos de relacionamentos duradouros ou relações sexuais ocasionais. Esta informação poderia no entanto afetar potenciais situações de corte (Wlodarski & Dunbar, 2013).

Num estudo desenvolvido por Cuenca- Montesino, Graña e O’Leary (2015), não se verificaram diferenças significativas entre sexos no que diz respeito a intensidade do amor. No entanto, este tende a diminuir nos primeiros dez anos da relação, estagnando depois desse período. Variáveis cognitivas foram considerados como preditoras da intensidade do amor.

As principais teorias sobre o amor romântico afirmavam que a diminuição do mesmo ao longo dos anos era inevitável (Sternberg, 1986). No entanto, alguns teóricos (Buss, 2006; Fisher, 2006) salientavam a existência de mecanismos e funções para que o amor romântico estivesse patente nas relações de longa duração. Num estudo de Acevedo e Aron (2009), os autores afirmaram que era essencial distinguir o amor romântico do amor apaixonado, sendo este último patente no começo do relacionamento e pode ser caracterizado pela obsessão, a ansiedade e a incerteza dos indivíduos. Neste estudo, observou-se que a obsessão é menos comum em relações de longa duração havendo uma correlação negativa entre o amor romântico e a obsessão. Acevedo e Aron (2009) verificaram que o amor romântico estava relacionado com a satisfação da relação seja essa de curta ou longa duração, bem como o amor obsessivo era pouco correlacionado com a satisfação do relacionamento de curta duração e ligeiramente nas relações duradouras.

3.2 O amor na perspectiva neurobiológica

Segundo Fisher (2004), o amor pode ser definido como um “fenómeno neurobiológico complexo que se baseia em ações cerebrais de confiança, crença, prazer e recompensa envolvendo um conjunto importante de mensageiros químicos”. Considera que o amor romântico pode ser uma das áreas cerebrais fundamental para existir os processos de acasalamento e de reprodução.

Como forma de motivar os nossos antepassados a desenvolverem uma relação sexual com um par, o desejo e a satisfação sexual tornam-se essenciais, assim como o amor romântico, a euforia e a obsessão de estar apaixonado permitem aos mesmos concentrar a sua energia e os seus esforços na sua relação com um único parceiro. Deste modo, a duração suficiente para a reprodução nasce do apego, da paz, da calma e da segurança provenientes de uma relação duradoura (Fisher, 2004). Fisher (2004) afirma também que o amor romântico está completamente integrado na estrutura e na química do cérebro humano.

Fisher e colaboradores (2005) desenvolveram uma escala sobre o amor romântico, com o objetivo de demonstrar a presença universal das características da paixão romântica. Com a aplicação do mesmo, verificaram que as variáveis tais como a idade, o género, a religião, a etnia, a orientação sexual não influenciavam os resultados, não encontrando diferenças

significativas nas respostas dadas pelos participantes. Concluíram que o sentimento de paixão romântica era semelhante em todas as sociedades.

Foi realçado o papel fundamental da dopamina e da norepinefrina no desenvolvimento do amor e são considerados estimulantes naturais presentes no cérebro responsáveis pela motivação para um objetivo, tal como pela excitação sexual. A presença de elevados níveis de dopamina está presente nos recém-apaixonados, sendo chamada de licor do amor (Aron et al., 2005). Quanto à norepinefria, quando se encontra em excesso, leva o indivíduo a recordar detalhes sobre o seu parceiro bem como nos momentos partilhados com o mesmo. Concluindo, estes estimulantes naturais são vistos como essenciais para o amor romântico, uma vez que a atenção do indivíduo é focada de forma intensiva na pessoa amada.

Fisher (2004) defende que o amor romântico pode ser dividido em três fases, com características emocionais e componentes químicos específicos. A fase inicial, denominada de “fase de desejo”, é consequência das hormonas sexuais, sendo essas a testosterona para os homens e estrogénio nas mulheres. Esta fase inicia-se na adolescência com a circulação destas hormonas no sangue, sendo que a partir desse momento, o sujeito manifesta interesses por parceiros sexuais. Fisher (2004) define a segunda fase como “fase de atração”, na qual o indivíduo está apaixonado. Este mostra diversos comportamentos típicos desta fase tais como: falta de apetite, falta de concentração, alteração na respiração, suor nas mãos, entre outros. Na terceira fase, chamada “fase de ligação”, criam-se ligações/relações para que os parceiros continuem juntos. Esta é a fase mais avançada, sendo que a atração e a paixão já foram ultrapassados.

Num estudo realizado por Takahashi, Mizuno, Sasaki, Wada, Tanaka, Ishii, Tajima, Tsuyuguchi, Watanabe, Zeki e Watanabe (2015), no qual os participantes foram sujeitos a observação de fotos dos seus parceiros românticos bem como fotos de amigos do mesmo sexo, verificou-se a ativação do sistema dopaminérgico em duas regiões cerebrais: o córtex orbito frontal e o córtex pré-frontal sendo que o primeiro é visto como fundamental na experiência amorosa, verificando-se também uma associação positiva entre a primeira região e os valores de excitação e o aumento de dopamina no amor.

Capítulo IV- Teorias do Amor

4.1 Teoria do amar e do gostar

Rubin (1970) foi um dos primeiros investigadores a tentar medir o amor procurando fazer a distinção entre os conceitos amar e gostar. Em 1974, Rubin realizou uma investigação baseada no facto de que o sentimento de amor podia ser mensurando de forma independente, partindo do pressuposto que este era uma atitude desenvolvida por um indivíduo perante outra pessoa. Deste modo, o sujeito tende a comportar-se, pensar e sentir consoante a pessoa amada.

O amor pode ser visto como uma atitude multifacetada ou, numa perspetiva mais alargada, como uma emoção, uma necessidade ou uma junção de comportamentos. No entanto, a sua ligação a uma pessoa em particular salienta uma visão mais limitada do que os autores que definem o amor como um aspeto da personalidade ou a experiência do indivíduo que ultrapassa pessoas e situações particulares (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007).

Assim sendo, o estudo de Rubin (1970) focou-se no amor romântico em específico considerando que o amor entre solteiros do sexo oposto que poderia levar ao casamento.

Neste contexto, o autor criou duas escalas, uma escala do amor e uma escala do gostar. Com base nestas escalas, Rubin (1974) relacionou o amor à atração física, à predisposição para ajudar, ao desejo de partilhar experiências e emoções e à sensação de exclusividade e absorção. Quanto ao gostar, este associa-se às relações interpessoais bem como ao respeito, à confiança e à perceção de que o outro objetiva de forma semelhante (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007).

Rubin (1970) caracterizou três componentes do amor sendo esses: a preocupação isto é apoiar o companheiro apesar do sacrifício que seja necessário; a vinculação sendo a relação estabelecida com o par, e o sentimento de exclusividade.

4.2 Teoria do amor apaixonado e do amor companheiro

Segundo Hatfield (1988), é possível distinguir dois tipos de amor: o amor apaixonado e o amor companheiro. Define-se por amor apaixonado, um forte sentimento de proximidade com a outra pessoa levando à autorrealização, caso contrário (e.g separação), o indivíduo manifesta uma grande tristeza e desespero. O amor apaixonado provoca uma intensa oscilação no que diz respeito ao estado emocional da pessoa, vivenciando emoções tanto positivas como negativas (Hatfield, 1988).

Relativamente ao amor companheiro, é visto como um amor em que os indivíduos observam aspetos comuns e as diferenças relativamente aos seus comportamentos, à sua maneira de pensar e de sentir. No amor companheiro, verifica-se uma preocupação pelo outro sendo que tendem a revelar desejos, segredos e valores (Hatfield, 1988).

4.3 Teoria dos estilos de amor

John Lee (1973) desenvolveu uma teoria baseada na literatura disponível sobre o amor, possibilitando a descrição de uma ideologia sobre as relações amorosas. Deste modo, o autor associou as cores à capacidade do Homem em amar, comparando os estilos de amor a uma caixa de lápis e afirmando que existem cores primárias e secundárias também podem distinguir-se estilos de amor primários e secundários.

Neste sentido, destacam-se três estilos de amor primários sendo esses: o amor Eros, o amor Ludus e o amor Storge. No amor Eros, a pessoa atribui demasiada atenção e importância ao físico do outro, bem como à componente sexual. Esta consegue caracterizar o tipo de físico que considera mais atraente, querendo conhecer o outro de forma rápida e demonstrando o seu prazer quando estão juntos. De modo geral, neste estilo de amor, o indivíduo tende a colocar de parte a emoção presente na relação amorosa. No estilo de amor Ludus, a pessoa demonstra um amor mais manipulador, em que existe uma falta de compromisso por parte da mesma, uma vez que considera vários físicos atraentes e pode envolver-se com vários companheiros ao mesmo tempo. O último estilo de amor primário é o amor Storge, no qual o amor baseia-se numa amizade especial que une os parceiros, pondo em primeiro lugar o aspeto emocional. Assim sendo, estes indivíduos não manifestam preferência para um tipo de aspeto físico (Lee, 1973).

No que diz respeito aos estilos de amor secundários, estes emergem da combinação de dois tipos de amor primário. Estes são denominados de Pragma, Mania e Ágape. O tipo de amor Pragma nasce da relação entre os amores Storge e Ludus, e é definido como um amor racional e prático. Os indivíduos procuram um companheiro que lhe seja compatível e corresponda às suas expectativas, tendo características em comum a classe social, os *hobbies*, a religião, entre outros. Relativamente ao tipo de amor Mania, este emerge da combinação entre Eros e Ludus, sendo caracterizado por ser um amor mais imaturo, dependente e obsessivo, experienciado de forma intensa. Os indivíduos manifestam necessidade em ser amados e medo de sofrer, demonstrando comportamentos excessivos e até ciúmes. Por fim, o estilo de amor Ágape é visto como um amor altruísta e nasce da combinação entre Eros e Storge. Neste estilo de amor, os indivíduos dedicam-se de forma exagerada sendo percecionado como um dever perante o outro apesar da ausência de reciprocidade (Lee, 1973). Cada estilo de amor apresenta características próprias apesar da relação direta existente com os outros estilos de amor (Lee, 1998). Estes seis estilos de amor referenciados pelo autor não são os únicos sendo que Lee (1998) defende a existência de outros estilos de amor, originados através dos estilos anteriormente definidos. Contudo, estes foram ignorados.

O indivíduo pode apresentar vários estilos de amor ao longo da sua vida, uma vez que este pode ser alterado com o tempo, apesar de basear-se na personalidade do mesmo. Nenhuma pessoa apresenta somente um estilo de amor, pois na realidade manifestam-se um ou dois estilos de amor que podem ser modificados consoante a idade, o momento da vida, a relação entre outros (Hendrick & Hendrick, 1992; Lee, 1998).

Hendrick e Hendrick (1992) desenvolveram diversas investigações que permitem analisar os estilos de amor através de um questionário constituído por 42 itens, denominado de Escala de Atitudes em relação ao amor. Neste contexto, verificou-se que os indivíduos de sexo masculino apresentam resultados mais elevados nos estilos de amor Ludus e Eros enquanto as mulheres tinham valores mais elevados nos Storge, Mania e Pragma.

Observou-se que o estilo de amor Ludus relaciona-se positivamente com Pragma; Àgape correlaciona-se com o amor Eros igualmente de forma positiva; assim como uma correlação positiva entre Pragma e Mania. Verificou-se uma correlação negativa entre os amores Àgape e Ludus (Hendrick & Hendrick, 1992).

Relativamente às diferenças entre sexos, num estudo desenvolvido por Neto (1994), observaram-se valores mais elevados nos estilos de amor Ludus e Àgape para os homens. No entanto, não foram encontradas diferenças entre sexos nos outros estilos de amor (Eros, Pragma e Mania). Existem fatores que influenciam estes resultados tais como: a intensidade e a duração do relação sendo que as pessoas mais apaixonadas apresentam valores mais elevados nos estilos de amor Eros e Àgape e menores valores no amor Ludus.

4.4 Teoria Triangular do Amor

O modelo triangular do amor foi desenvolvido por Sternberg (1986) e baseou-se no facto de existir três componentes no amor que poderiam corresponder aos vértices de um triângulo (e.g intimidade, paixão e decisão/compromisso). Este não revela apenas uma mera figura geométrica mas sim uma metáfora, sendo que cada componente apresenta diversos aspetos do amor.

Deste modo, a componente Intimidade (e.g. topo do triângulo) define-se como sendo a proximidade e a união dos indivíduos que conduzem ao entusiasmo; Paixão, impulsos que levam à vontade de estarem perto um do outro, à atração física e sexual originando o romance, e Decisão/Compromisso corresponde à convicção de amor e de ser amado bem como o desejo de ter uma relação de longa duração (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Hendrick & Hendrick, 1992; Neto, 1992).

A componente Paixão mostra ser a mais relevante nos relacionamentos de curta duração, enquanto nas relações duradouras, a Intimidade e a Decisão/Compromisso têm um papel mais preponderante e a paixão tem uma intensidade moderada podendo vir a diminuir com o decorrer do tempo (Neto, 2000).

Assim sendo, Sternberg (1986) salienta a existência de oito espécies de amor, baseando-se na presença ou não das componentes de amor: não gostar (ausência das três componentes); gostar (presença do elemento intimidade); amor louco (elemento paixão presente); amor vazio (presença da componente decisão/compromisso); amor romântico (intimidade e paixão presentes); amor companheiro (presença da intimidade e da decisão/compromisso); amor insensato (paixão e decisão/compromisso presentes) e amor-perfeito (três componentes presentes) (Neto, 2000).

Na presença das três componentes de amor, fala-se em amor-perfeito, o amor pleno (Sternberg, 1986). As relações amorosas duradouras em que os parceiros continuam unidos e felizes baseiam-se num amor companheiro, mesmo que não exista atração física. O amor insensato está relacionado com o amor à primeira vista.

Esta teoria triangular do amor foi bastante relevante para uma melhor compreensão das componentes do amor bem como das suas combinações que dão origem aos diversos tipos de amor. Deste modo, foi possível desenvolver uma Escala Triangular do amor.

Capítulo V- Confiança

5.1 O conceito de confiança

A confiança é considerada fundamental para a criação de relacionamentos interpessoais. As primeiras investigações realizadas neste âmbito permitiram defini-la de forma geral como confiança nas pessoas e na natureza humana, denominando-a de confiança geral. Mais tarde, caracterizou-se a confiança relacional, como elemento específico dos relacionamentos românticos (Couch & Jones, 1997).

A confiança é definida como um conjunto de capacidades do ser humano, que lhe permitem encontrar uma estabilidade cognitiva, afetiva e comportamental notável, em diversas circunstâncias e com múltiplos parceiros de interação. Inicialmente, o Homem vivencia experiências interpessoais que iram permitir-lhe desenvolver e manter confiança com os parceiros com quem interage, transmitindo tendências parecidas para os seus relacionamentos amorosos com outros companheiros. Deste modo, quanto maior a disponibilidade do indivíduo para novos relacionamentos, maior será o nível de confiança com os seus parceiros (Rusbult, Wieselquist, Foster & Witcher, 1999).

Posteriormente, a confiança começou a ser considerada como um fenómeno interpessoal, ou seja, esta é vista não só por uma capacidade do indivíduo mais ou menos desenvolvida mas sim como uma característica própria de um relacionamento amoroso com um único companheiro (Rusbult et al., 1999).

Considera-se que a confiança está associada à perceção de que já se atingiu um nível elevado de compromisso por parte do companheiro e tende a desenvolver-se uma vez que o indivíduo verifica sentimentos de compromisso satisfatórios para originar dificuldades e comportamentos de manutenção do relacionamento tais como o sacrifício, acomodação ou diminuição de alternativas.

Rusbult e colaboradores (1999) desenvolveram um modelo do crescimento mútuo e cíclico da associação entre o compromisso individual e a confiança no parceiro em que 1) o estado de dependência, como a elevada satisfação e elevados investimentos e poucas alternativas ao parceiro, produz forte compromisso individual; 2) um forte compromisso individual motiva uma variedade de comportamentos pró relações; 3) a observação por parte do parceiro dos comportamentos pró relação do indivíduo produz comportamentos percebidos pró relação, percepção de compromisso e aumento da confiança; e 4) forte confiança no parceiro torna os parceiros vulneráveis à dependência (Rusbult et al., 2005).

A confiança nos companheiros torna-se essencial para a qualidade e a estabilidade dos relacionamentos amorosos, ou seja perceber o parceiro como sendo honesto, previsível e

empenhado no bem-estar do outro, analisando os comportamentos e as características dos companheiros e envolvendo expectativas quanto ao futuro da relação (King, 2002; Larzelere & Huston, 1980; Rempel et al., 1985; Rempel, Ross & Holmes, 2001).

Rempel e colaboradores (1985) juntaram os pontos essenciais de várias definições de confiança nos companheiros com a finalidade de criar uma escala de avaliação deste conceito. Os teóricos definem que a confiança engloba experiências e interações já ocorridas e atribuições relativas aos companheiros que estes podem ser considerados como fidedignos, seguros e preocupados com o seu bem-estar. Este conceito de confiança envolve também a flexibilidade de uma pessoa para ser vulnerável através da autorrevelação, à segurança transmitida pelos companheiros assim como as abdições benéficas ao relacionamento. De acordo com estas afirmações, Rempel et al. (1985) relataram a existência de três componentes no seu modelo de confiança: previsibilidade, fiabilidade e fé. A previsibilidade é relativa ao comportamento dos companheiros, resultante da consistência e estabilidade do comportamento dos mesmos. A fiabilidade é vista num estado posterior do relacionamento, focando-se avaliações dos comportamentos com o objetivo de observar as qualidades e características específicas dos companheiros. Por último, a fé diz respeito à segurança emocional de que os parceiros serão cuidadosos e responsivos às suas necessidades (Bartle, 1996; Jacquet & Surra, 2001; Rempel et al., 1985; Rusbult et al., 1999; Wieselquist et al., 1999).

Assim, um nível elevado de confiança no parceiro leva os indivíduos a sentirem-se mais seguros na sua relação sendo que poderão ter apoio da parte do outro e que as suas necessidades serão satisfeitas. Caso contrário, na presença de uma baixa confiança no seu parceiro, os sujeitos encontram-se sempre angustiados com os seus relacionamentos dando mais importância aos comportamentos negativos dos companheiros desvalorizando atos positivos dos mesmos e alimentando a ideia de que os seus pares são desinteressados (Rempel et al., 2001).

Relativamente às diferenças de género nesta componente relacional existem dados discrepantes. Nalguns estudos as mulheres apresentam níveis mais elevados de confiança, contudo não se obteve estes resultados a partir de outros estudos (King, 2002), não tendo também sido avançadas possíveis explicações para estes resultados divergentes. Dado que o compromisso e a confiança nos parceiros constituem fatores essenciais para a estabilidade relacional, quando estes não estão consolidados, as relações são instáveis podendo ocorrer ruturas na relação (e.g. separações-reconciliações).

Na presença de acontecimentos positivos, o indivíduo tende sempre a partilhá-lo com a outra pessoa, sendo este fenómeno chamado de capitalização (Langston, 1994). Deste modo,

a partilha de eventos está diretamente associado ao bem-estar do casal, criando um efeito de repouso (Gable, Reis, Impett e Asher, 2004). Gable e colaboradores (2004) desenvolveram uma investigação com a finalidade de compreender melhor este processo de capitalização. Verificaram que na ocorrência de respostas positivas e construtivas por parte do parceiro, existe maior intimidade e confiança, assim como uma maior satisfação do relacionamento. Por outro lado, a maneira como reage um indivíduo perante depende também da sua capacidade em responder às situações. A interpretação do contexto feita pelo sujeito parece ser um fator que influencia as respostas do indivíduo. Certos parceiros manifestam respostas positivas e produtivas na revelação de acontecimentos benéficos do parceiros no entanto em situações de stresse este pode não o fazer de forma eficaz ou vice-versa.

Num estudo realizado por Arriaga, Kumashiro, Finkel, VanderDrift e Luchies (2014), com 134 casais, foi analisada a confiança (se o parceiro era disponível e confiável) e a validação do objetivo percebido (se o companheiro era encorajador). Os resultados demonstraram que a confiança perante o outro foi relacionada com menor ansiedade de apego enquanto a validação foi associada a menor evitação. Nas investigações longitudinais, verificou-se o oposto (Arriaga et al., 2014).

Capítulo VI- Ciúme

6.1 O conceito de ciúme

Para uma melhor compreensão do ciúme bem como a sua origem, foram desenvolvidas diversas investigações, definindo-o como sendo uma reação emocional patente em todos os seres humanos e todas as culturas (Ward & Voracek, 2004).

O ciúme pode estar presente em sujeitos imaturos ou sem qualquer doença mental, visto como um sentimento de insatisfação, representado pelo medo de perda do parceiro ou pelo incómodo de uma experiência real ou imaginária de um relacionamento entre o companheiro e uma terceira pessoa (Buss, 2000). Deste modo, é vivenciada como uma emoção extremamente negativa numa relação íntima, quando esta é ameaçada por um rival (Harris, 2004).

Pines (1991) defendeu a presença de componentes internas e externas no ciúme, sendo que as primeiras envolvem alguns sintomas físicos, cognições e emoções, enquanto as segundas são mais visíveis ao exterior, através de determinados comportamentos. Desta forma, a intensidade e as componentes do ciúme variam sempre, no entanto este é sempre a consequência da relação entre uma situação que proporcionou o ciúme e uma predisposição para o mesmo (Pines, 1991).

Assim sendo, o ciúme abrange um complexo conjunto de emoções, pensamentos e comportamentos que tornam este conceito difícil de definir (Weerth & Kalma, 1993).

A teoria defensora de que o ciúme é visto como uma emoção (e.g. raiva), um comportamento (e.g. rivalidade competitiva), ou pensamentos (e.g. desejos de exclusividade) mostra ser incompleta, uma vez que este engloba um conjunto de processos emocionais, cognitivos e comportamentais (White, 1981), que surgem perante uma perda ou ameaça à autoestima, podendo ser caracterizado como uma reação presente em caso de uma ameaça perceptível a uma relação ou à sua qualidade (Pines, 1998). Estas ameaças podem surgir da percepção de uma atração entre o companheiro e uma figura verídica ou imaginária (White & Mullen, 1989) ou quando o sujeito pensa que o amor e a atenção do seu companheiro estão a dirigirem-se para outra pessoa, considerando que deveriam ser para ele (Hintz, 2003).

A presença do ciúme pode ser considerada como uma resposta protetora frente a ameaças à autoestima e à relação, apresentando uma importante sabedoria emocional (Buss, 2000). Este pode ser visto como a elaboração de uma estratégia para manter a atenção, o amor e a exclusividade do companheiro, manifestando-se de diversas maneiras consoante o sexo (Weerth & Kalma, 1993).

Diversas investigações salientaram que, em várias culturas, o ciúme sexual masculino é a principal causa de maus-tratos conjugais e homicídios. Muitas vezes, o ciúme é o principal

motivo para os homicídios quando este é associado à raiva, levando à prática de um crime (Harris, 2004). Deste modo, este é visto como uma das emoções mais presentes e destrutíveis nas relações amorosas (Buunk & Bringle, 1987).

Destacam-se diversos tipos de ciúme, de vários graus, sendo que a exteriorização do mesmo é diferente consoante o sexo (Buss, 2000; Pines & Friedman, 1998; White & Mullen, 1989) podendo existir mais do que um tipo de ciúme perante a pessoa amada.

As opiniões acerca do ciúme mostram ser divergentes. Pois, alguns autores defendem que o ciúme é um sentimento (Pines, 1998) enquanto outros autores consideram uma emoção negativa (Buss, 2000) ou ainda, o ciúme é visto como uma emoção adversa (Buunk, 1991). Uma vez que este é considerado como uma emoção multifacetada provocada por perceções de ameaça, verifica-se ser uma das emoções mais presentes e vividas nas relações amorosas (Guerrero, 1998).

6.2 Os diferentes tipos de ciúme

6.2.1 Ciúme normal versus ciúme patológico

É considerado ciúme normal, o ciúme que surge após a verificação de uma ameaça real, provocando uma reação emocional. Deste modo, podem resultar consequências positivas ou negativas dependendo da sua frequência. Quando a intensidade do ciúme normal é baixa, a relação do casal pode vir a melhorar, se for percebido como um indício de carinho (Pfeiffer & Wong, 1989) e desenvolver comportamentos de proteção necessários para uma relação saudável frente à ameaça. Deste modo, este ciúme (baixo) pode ajudar uma pessoa a tranquilizar o seu companheiro, que se encontra desconfiado, através de declarações de amor, fidelidade e união, para contribuir a uma maior duração do relacionamento. No entanto, quando o nível de ciúme normal está elevado, onde o companheiro está frequentemente a seduzir rivais, este pode ter consequências negativas semelhantes às reações evocadas pelo ciúme patológico (Pfeiffer & Wong, 1989).

No que diz respeito ao ciúme patológico, presenciam-se ameaças imaginárias, suspeições paranoicas, assim como alto nível de tristeza emocional e/ou comportamentos de deteção com o objetivo de controlar o companheiro. As patologias do ciúme englobam pensamentos de deceção, sentimentos de uma intensidade anormal e/ou vigias e questionários exagerados ao companheiro (Mullen & Maack, 1985).

Segundo Freud (1922) existem três tipos de ciúme, sendo o primeiro o ciúme normal, um sentimento de tristeza incluído na estrutura psíquica e originado pelo sofrimento (real ou imaginário) de ameaça de perda ou perda do sujeito amado; o segundo, o ciúme projetivo

provem de traição atual ou tentações que um dos companheiros projeta no outro de forma a diminuir a sua culpa; e por fim, o ciúme paranoico, visto como o pior, em que a pessoa está convicta da traição do outro, mesmo sem qualquer indício. É um processo delirante de longa duração, com ilusões de perseguição e grandeza originado na esquizofrenia paranoide.

O ciúme é visto como patológico quando este tem consequências tanto na pessoa amada como no indivíduo que manifesta ciúmes. Deste modo, o sujeito ciumento tende a manifestar angústia, provocando prejuízos no seu relacionamento a partir do momento em que a possessividade ultrapassa limites aceites pela sociedade (Marazziti, 2009). Numa investigação desenvolvida por Costa, Sophia, Sanches, Tavares e Zilberman (2015), demonstrou que o ciúme patológico está mais patente em sujeitos mais velhos. Estes indivíduos manifestam níveis elevados de procura de novidade assim como de impulsividade elevada. Está presente também uma ansiedade traço assim como uma má adaptação social.

6.2.2 O ciúme romântico

White (1981) descreveu o ciúme romântico como uma combinação complexa de sentimentos, pensamentos e ações que nascem após a perceção, verdadeira ou não, de uma ameaça à autoestima ou à relação íntima. Quando existe um envolvimento por parte de dois indivíduos, está patente o medo de perder o outro, levando a expressar-se de forma mais transtornada numa hipotética ou real situação ameaçadora do vínculo estabelecido (Pfeiffer & Wong, 1989).

O ciúme está presente em todas as relações humanas. No entanto, relativamente a casais, fala-se em ciúme romântico (Salovey & Rodin, 1986), considerando os sentimentos, pensamentos e ações do companheiro ciumento como estáveis e resistindo aos níveis individuais, de relacionamentos e de culturas (White, 1981). Assim, “o ciúme desencadeado como uma reação de medo e raiva focada para proteger, manter e prolongar uma relação íntima de amor” (Buunk, Angleitner, Oubaid, Buss, 1996).

Por seu lado, Buss (2000) definiu o ciúme romântico como uma resposta antecipada, tendo como objetivo de impossibilitar uma possível relação entre o companheiro e uma terceira pessoa, de modo a conservar o vínculo afetivo perante uma ameaça.

O ciúme pode estar relacionado com diversos acontecimentos tais como a agressão física, a depressão, a tentativa de suicídio e os problemas conjugais, podendo ser definido como uma das emoções mais destrutíveis e prevalentes nos relacionamentos amorosos (Buunk & Bringle, 1987).

6.3 Diferenças entre sexos no ciúme

Ao longo dos anos, foram desenvolvidas várias investigações com o objetivo de estudarem as diferenças entre sexos no ciúme, apesar de existirem contradições. As teorias acerca do ciúme romântico são variadas, no entanto, existem apenas duas que mencionam claramente as desigualdades entre sexos: a abordagem de evolução e a abordagem sociocultural (Pines, 1992; White & Mullan, 1989).

As investigações envolviam sujeitos de diversas idades e culturas e apoiavam-se no facto de que as mulheres consideravam mais preocupante uma infidelidade emocional, do que a infidelidade sexual. Por sua vez, os homens tendem a achar o contrário (Buss et al., 1992, 1999; Buunk, Angleitner, Oubaid & Buss, 1996; DeSteno & Salovey, 1996; Dermitas, 2008).

6.4 Teoria sociocultural

Os socio-biólogos e psicólogos evolucionistas argumentaram o facto do ciúme masculino e feminino serem distintos por padrões específicos de ameaças de infidelidade (Buss et al., 1992). No entanto, outros cientistas investigaram as diferenças entre sexos no ciúme, obtendo maioritariamente resultados inconsistentes e diversas vezes contraditórios. Algumas investigações não descobriram diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito ao ciúme (Pines & Aronson, 1983; White, 1981); umas concluíram um nível mais elevado de ciúme nos homens do que nas mulheres (Mathes & Severa, 1981) e outros relataram o inverso (Buunk, 1981; Weerth & Kalma, 1993).

Segundo diversas investigações, na presença de ameaças ao seu relacionamento, as mulheres mostram ser mais ciumentas que os homens (Buunk, 1984). No entanto, no que diz respeito à ameaça à autoestima, os homens tendem a tornar-se mais suscetíveis ao ciúme do que as mulheres (Buunk, 1991). Deste modo, as mulheres lutam para manter a sua relação amorosa enquanto os homens preocupam-se mais com a sua autoestima (Bryson, 1977i, cit in Pines & Friedman, 1998).

De um modo geral, as investigações demonstram que, à descoberta de uma infidelidade, as mulheres expressam mais as suas emoções, assumindo mais facilmente que agrediram verbal e fisicamente os seus parceiros (Weerth & Kalma, 1993). As mulheres parecem ter um menor poder no casamento quando comparadas com os homens, sendo que estas mostram expressar-se com tristeza e depressão face ao ciúme (White, 1985ii, cit in Pines & Friedman, 1998).

A abordagem sociocultural descreve o ciúme como sendo um fenómeno cultural influenciado por normas sociais. Assim, estas normas da sociedade influenciam as diferenças

existentes entre os homens e as mulheres no que diz respeito ao ciúme, sendo que determinam as situações que provocam ciúme e as respostas convenientes para cada sexo. A mudança do conceito de ciúme pode ocorrer com um acontecimento histórico de uma sociedade bem como as diferentes formas de ciúme adaptam-se as diferentes culturas (Buunk & Hupka, 1987, cit in Pines & Friedman, 1998).

Existem vários fatores que vão influenciar o ciúme sendo esses: a cultura onde os indivíduos se encontram inseridos, os antecedentes familiares dos mesmos e as experiências pessoais nos relacionamentos amorosos (Pines, 1992). Pines e Friedman (1998), defensores desta abordagem teórica, investigaram as diferenças entre os homens e as mulheres relativamente ao ciúme. Deste modo, concluíram que experienciam de maneira diferente o ciúme no que diz respeito aos sintomas emocionais e físicos associados. As distinções não estão presentes nem na frequência, na duração nem na intensidade do ciúme. Neste estudo, as narrações dos participantes apontam que as mulheres manifestam mais vulnerabilidade que os homens, através de sentimento de inferioridade, elevada dor, maior medo, receio da perda, e esgotamento emocional. As mulheres revelaram um elevado nível de angústia no ciúme do que os homens, e a sua angústia foi mais exteriorizada do que o sentimento de tristeza dos homens.

A resposta das mulheres no ciúme foi mais significativa do que os homens, na presença de ameaças específicas às suas relações íntimas, contudo estes apresentam maior tendência para manifestarem-se com ciúme quando a sua auto-estima masculina é ameaçada (Pines & Friedman, 1998).

6.5 Teoria da Evolução

Segundo Darwin (1871), o ciúme é visto como uma defesa inconsciente do companheiro, que está patente também nos animais, sendo uma confirmação de que é hereditário. As diversas experiências durante a evolução da espécie influenciam a forma de vivenciar o ciúme. Deste modo, verificam-se diferenças entre ambos os sexos (Ward & Voracek, 2004).

Esta abordagem evolucionista põe em evidência a existência de um conjunto particular de circuitos cerebrais que conduzem a reação emocional a ameaças no âmbito dos relacionamentos sexuais. Alega também que esta fórmula cognitiva/emocional tende a demonstrar que os homens são mais predispostos ao ciúme em caso de infidelidade sexual da companheira enquanto as mulheres manifestam mais o ciúme na infidelidade emocional do parceiro (Buss 2000).

O ser humano desenvolve a sua reprodução através da fertilização interna. Assim sendo, este fenómeno pode levar a suspeitas relativamente à ligação genética entre pai e filho devido à eventualidade de uma traição sexual por parte da mãe. Como consequência, os homens são mais sensíveis a uma infidelidade sexual por acharem esta como uma ameaça à sua exclusividade sexual, a paternidade dos seus filhos é posta em causa. (Harris, 2004)

Existem vários aspetos postos em causa com uma traição sexual por parte da mulher. Entre outros, destacam-se: a paternidade, o impedimento que o homem invista os seus recursos na educação de um filho de outro homem em detrimento do seu (Buss, 1998). Para concluir, a presença de ciúme, tanto no homem como na mulher, é o produto de uma necessidade de exclusividade, no homem baseia-se numa exclusividade sexual, assegurando que os filhos são dele e na mulher é a necessidade pelo compromisso, para o bem-estar das crianças (Buss, 1998).

Capítulo VII- Conceptualização da Investigação

7.1 Objetivo e hipóteses

O presente trabalho teve como objetivo a replicação do modelo original de Lee (1973) à população portuguesa, avaliando as diferenças entre sexos no amor romântico. Foi então dado um foco especial aos fatores da escala de atitudes em relação ao amor (LAS) (Hendrick e Hendrick, 1986). As hipóteses desta investigação foram as seguintes: É esperado encontrar uma estrutura de seis fatores para a Escala de atitudes em relação ao amor (LAS) (H1); É esperado que os homens apresentem valores mais elevados nos estilos de amor Ludus e Eros quando comparados com as mulheres (H2); É esperado que as mulheres apresentem valores mais elevados de Storge, Pragma e Mania (H3) e É esperado que maiores níveis de Eros estejam associados a maiores níveis de Agape e a menores níveis de Ludus; que maiores níveis de Ludus estejam associados a maiores níveis de Pragma e a menos níveis de Agape; e que maiores níveis de Pragma estejam relacionados a maiores níveis de Mania (H4).

7.2 Caracterização da amostra

Nesta investigação participaram 302 sujeitos, encontrando-se atualmente envolvidos num relacionamento amoroso. Deste modo, tratou-se de uma amostra de conveniência. A amostra foi constituída por 122 sujeitos do sexo masculino (40,4 %) e 180 do sexo feminino (59,6 %), com idades compreendidas entre os 18 e 47 anos, com uma média de 23,66 anos (DP=4,89), não existindo diferenças significativas entre sexos.

Os anos de escolaridade dos participantes variaram entre 2 e 23 sendo que a média é de 15,23 (DP=2,82), não existindo diferenças significativas entre sexos.

A maioria dos sujeitos eram estudantes (n= 223) representando uma percentagem de 73,8%, 26 eram psicólogos (8,6%), 10 encontravam-se desempregados (3,3%), 5 eram professores (1,7%) e 4 não responderam (1,3 %).

A duração dos relacionamentos amorosos dos participantes variou entre 1 e 300 meses, com uma média de 38,2 meses, não havendo diferenças significativas entre sexos.

No que se refere às ruturas no relacionamento, 81 (26,8 %) dos participantes já vivenciaram pelo menos uma rutura e 221 (73,2 %) responderam nunca ter existido rutura na sua relação. Quanto ao número de ruturas já vivenciadas pelos participantes, este variou entre 0 e 20, não existindo diferenças significativas entre sexos.

No que diz respeito à Orientação sexual dos participantes, todos eram heterossexuais (n= 302), sem diferenças significativas entre sexos.

Na maioria (80,8%) os participantes eram Caucasianos (n=244) e 58 (19,2 %) não responderam, não existindo diferenças significativas entre sexos.

Relativamente à Religião, 184 (60,9 %) eram Católicos, 83 (27,5 %) eram sem religião e 35 (11,6 %) não responderam, sem diferenças significativas entre sexos.

Para fazer parte da amostra, os sujeitos tinham que se encontrem em situação de namoro, excluindo sujeitos casados, em união de facto, divorciados e viúvos. Não foram excluídos nenhuns participantes, sendo que respondiam aos critérios de inclusão. A caracterização demográfica encontra-se na tabela 1.

Tabela 1: *Caracterização da amostra por sexos*

	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>Sig.</i>	<i>t</i>
	<i>N</i>	<i>M (DP)</i>	<i>N</i>	<i>M (DP)</i>		
Idade	122	23,8 (5,6)	180	23,5 (4,3)	.661	.439
Anos de escolaridade	120	14,8 (3,2)	176	15,5 (2,5)	.069	-1.830
Duração do relacionamento	122	37,1 (42,8)	180	39 (34,5)	.694	-.394
Número de ruturas	122	0,8 (2,4)	180	0,5 (0,9)	.074	1.794
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>		χ^2
Estado civil						
Solteiro	122	40,4%	180	59,6%		
Envolvimento num relacionamento amoroso						
Sim	122	40,4%	180	59,6%		
Ruturas						.941
Sim	33	27%	48	26,7%		
Não	89	73%	132	73,3%		

7.3 Medidas

7.3.1 Questionário de dados demográficos

Para proceder à caracterização sócio-demográfica da amostra, foi utilizado um questionário de dados demográficos constituído por 12 questões, nomeadamente sexo, idade, estado civil, profissão, número de anos de escolaridade, religião, etnia, duração do relacionamento e número de ruturas.

7.3.2 Escala de avaliação da relação (RAS)

A Escala de avaliação da relação (RAS) (Hendrick, 1988) foi traduzida por Santos, Brites e Baptista em 2004. Esta escala permite avaliar o nível de satisfação geral na relação entre os parceiros, sendo uma versão modificada do Marital Assessment Questionnaire (MAQ) (Hendrick, 1988). Neste contexto, achou-se necessário avaliar a satisfação nos relacionamentos amorosos e não somente nos casais. Algumas expressões do questionário original foram modificadas para poder ser aplicável a relações românticas e foram acrescentados mais dois itens à versão original (Hendrick, 1988).

Trata-se de uma medida de autorresposta, constituída por sete itens. A medição deste instrumento é feita através de uma escala de Likert de cinco pontos em que 1 corresponde a “pouco” (para os itens 1 e 6), a “nada” (para os itens 2, 5 e 7), a “fraca” (para o item 3) e “nunca” (para o item 5) e 5 corresponde a “bastante” (para os itens 1, 6 e 7), a “extremamente satisfatório” (para o item 2), a “excelente” (para o item 3), a “muito frequentemente” (para o item 4) e a “completamente” (para o item 5). Sendo que os itens 4 e 7 estão escritos de forma negativa, estes necessitam de serem recodificados (Hendrick, 1988).

No estudo original (Hendrick, 1988), a RAS apresenta valores de alfa de Cronbach de .86. Verificaram-se boas qualidades psicométricas da escala noutras investigações, de Vaughn e Baier (1999), Dinkel e Balck (2005), e Shi (2003), apresentando valores de alfa de Cronbach de .86, .89 e .90, respetivamente. Na adaptação portuguesa do instrumento, Santos e colaboradores (2004) obtiveram um valor de alfa de Cronbach de .86.

Esta escala apresenta diversas vantagens tais como uma aplicação rápida, valores de precisão e validade satisfatórios mas também uma aplicação fácil. A RAS foi aplicada em várias populações como por exemplo com namorado e em casados assim como em amostras clínicas e não-clínicas (Hendrick, 1988). Segundo Hendrick, Dicke e Hendrick (1998, cit. por Lind, 2008) a pontuação média superior a 4 indicavam bons níveis de satisfação com o relacionamento, enquanto valores médios de 3.5 para os homens e entre 3.0 e 3.5 para as mulheres, demonstram menor satisfação. No entanto, Vaughn e Baier (1999) definiram como limitação da RAS, a ausência de pontos de corte permitindo distinguir sujeitos satisfeitos e insatisfeitos.

7.3.3 Escala de atitudes em relação ao amor (LAS)

Baseado na teoria de Lee (1973), foi desenvolvida a Escala de Atitudes em relação ao Amor (Hendrick & Hendrick, 1986). Deste modo, tornou-se possível a medição dos seis estilos

de amor, assim como dos sistemas de crenças e atitudes individuais (Hendrick & Hendrick, 1986).

A versão inicial da LAS da teoria de Lee (1973) foi constituída por 50 itens nos quais o indivíduo tenha que responde por verdadeiro ou falso. Na versão inglesa mais conhecida (Hendrick & Hendrick, 1986), cada estilo de amor é avaliado por 7 itens de resposta contínua. Posteriormente, os autores desenvolveram uma versão reduzida de 19 itens dos quais alguns foram reescritos com o objetivo de serem mais específicos (Hendrick, Hendrick e Dicke, 1988).

A Escala de atitudes em relação ao Amor é constituída por 42 itens, sendo estes divididos de igual modo pelas seis subescalas que avaliam cada uma delas um tipo de amor (Hendrick & Hendrick, 1986). Este questionário é de autorresposta, na qual a escala de resposta é uma escala de Likert de cinco pontos variando entre o concordo totalmente ao discordo totalmente (Hendrick & Hendrick, 1986).

Neto (1992) desenvolveu a primeira versão em português com a finalidade de replicar a teoria de Lee em Portugal. Esta versão foi aplicada em mais quatro culturas de língua portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique (Neto, 1998; Neto et al., 2000).

7.3.4 Escala de amor apaixonado (PLS)

A escala do amor apaixonado (Hartfield & Sprecher, 1986) tem como objetivo de poder avaliar as componentes comportamentos, emocionais e cognitivas do amor apaixonado. A componente cognitiva engloba pensamento intrusivo; preocupação com o parceiro; idealização do outro ou da relação; desejo de conhecer o outro e ser conhecido por ele. Quanto à componente emocional enquadra atração para o parceiro, especialmente atração sexual, sentimentos positivos quando tudo corre bem, sentimentos negativos quando as coisas dão erradas, desejo de união permanente e completa e excitação sexual. Por último, a componente comportamental contem ações que têm como objetivo observar os sentimentos do outro, ajudar o parceiro e manutenção de proximidade física (Hartfield & Sprecher, 1986).

A versão mais conhecida da PLS é uma escala de 15 itens, no entanto existe uma versão alternativa de 30 itens. A combinação destes dois questionários constitui uma versão de 30 itens. Inicialmente, o questionário foi desenvolvido para ser aplicado em jovens norte-americanos pilotos sendo posteriormente adaptada a crianças e traduzida em diversas línguas (Hartfield & Sprecher, 1986).

Relativamente às qualidades psicométricas da escala PLS, Hatfield e Sprecher (1986) verificaram um alpha de Cronbach de .91 para a versão de 15 itens e .94 para a versão de 30

itens. Sprecher e Regan (1998) também observaram níveis elevados de consistência interna da escala.

7.3.5 Escala triangular do amor (STLS)

A escala Triangular do Amor (Sternberg, 1986) é um questionário constituído por 45 itens sendo estes divididos por três subescalas.

Os itens permitem avaliar as três componentes do amor defendidas pelo autor, sendo que 15 itens avaliam a Paixão, 15 itens servir a medir a Intimidade e os restantes 15 itens avaliam a Decisão/Compromisso (Sternberg, 1986).

No que diz respeito às qualidades psicométricas da escala, a consistência interna obteve bons valores sendo os alfas de Cronbach das três subescalas superiores a .90. Assim, os alfas de Cronbach são os seguintes: Intimidade = .91, Decisão/Compromisso = .94 e Paixão = .94. O alpha de Cronbach da escala geral é de .97 (Sternberg, 1986).

Quando as subescalas são relacionadas entre si, verificaram-se coeficientes de correlação entre .71 e .73 (Sternberg, 1986).

7.3.6 Escala da confiança no relacionamento (TCRS)

Para avaliar o nível de confiança entre os companheiros, foi desenvolvida a escala de confiança no relacionamento (Rempel et al., 1985) sendo esta traduzida para esta investigação. Esta escala é uma escala de autorresposta constituída inicialmente por 26 itens. No entanto, Rempel e colaboradores (1985) retiraram nove itens sendo que seis desses não estavam a avaliar a subescala pretendida e três não se relacionavam com nenhuma das escalas do questionário.

A Escala da confiança no relacionamento (TCRS) contém 17 itens divididos em três subescalas sendo essas: Previsibilidade (itens: 4, 5, 6, 8 e 14); Fiabilidade (itens: 1, 7, 13, 15 e 17) e Fé (itens: 2, 3, 9, 10, 11, 12 e 16). A cotação dos itens 4, 5, 6 e 14 é feita de forma inversa (Rempel et al., 1985).

A escala de resposta é uma escala de Likert de 7 pontos, variando entre -3 discordo fortemente e 3 concordo fortemente sendo 0 neutro (Rempel et al., 1985).

Para esta investigação, esta escala foi utilizada como medição global da confiança, podendo ser também usada de forma separada para avaliar as subescalas.

No que diz respeito à consistência interna da escala original, esta apresenta valores de alfa de Cronbach entre .70 e .80 nas três subescalas (Previsibilidade = .70; Fiabilidade = .72 e Fé = .80) sendo que para a escala global, o alfa de Cronbach apresentado foi de .81 (Rempel et al., 1985).

7.3.7 Escala multidimensional do ciúme (MJS)

A Escala multidimensional do ciúme (Pfeiffer & Wong, 1989) permite avaliar o ciúme. Trata-se de uma medida de autorresposta, constituída por 24 itens, que se agrupam em três subescalas: emocional (8 itens), comportamental (8 itens) e cognitivo (8 itens) (Pfeiffer & Wong, 1989).

Assim, a primeira subescala tem como objetivo avaliar a reação emocional face a situações indutoras de ciúme, sendo que 1 corresponde a “muito satisfatório” e 7 a “pouco satisfatório”. A subescala de ciúme comportamental avalia a frequência com que os sujeitos possuem determinados comportamentos motivados pelo ciúme. Assim, a resposta cotada com 1 corresponde a “nunca”, enquanto a resposta assinalada com 7 corresponde a “sempre”. Quanto á escala cognitiva pretende observar a frequência com que os indivíduos vivenciam preocupações ou pensamentos irracionais (Pfeiffer & Wong, 1989).

Esta é medida através de uma escala de Likert em que 1 corresponde a “nunca” e 7 corresponde a “sempre”. Para cada uma destas subescalas, a pontuação pode variar entre 8 e 56. Assim sendo, quanto mais elevada a pontuação da escala, maior é o nível de ciúme percecionado pelo sujeito (Pfeiffer & Wong, 1989).

Relativamente às qualidades psicométricas, as três subescalas apresentam uma boa consistência interna, apresentando os seguintes valores do alpha de Cronbach: .85 (dimensão emocional), .92 (dimensão cognitiva) e .89 (dimensão comportamental), permitindo assim explicar 11,7%, 33,1% e 13,6%, respetivamente, da variância dos resultados nos itens (Pfeiffer & Wong, 1989).

No que diz respeito à estabilidade temporal, verificaram-se os seguintes valores nas subescalas: $r=.82$, $p<.001$ para a dimensão emocional, $r=.75$, $p<.001$ para a dimensão cognitiva e, por ultimo, $r=.34$, $p<.05$ para a dimensão comportamental. Quando correlacionadas as três subescalas entre elas, observou-se uma correlação moderada entre a subescala cognitiva e a subescala emocional ($r=.31$, $p<.001$), bem como entre as dimensões cognitiva e comportamental ($r=.37$, $p<.001$). O mesmo se verifica entre as dimensões emocional e comportamental ($r=.34$, $p<.001$) (Pfeiffer & Wong, 1989).

7.4 Procedimento

Inicialmente, foi criado um questionário online como o objetivo de ter um maior acesso a população alvo necessária para este estudo. Após esta primeira etapa, estabeleceu-se o contacto com os participantes, por conveniência. Foi solicitado aos sujeitos que preenchessem os questionários de autoavaliação que constitui o protocolo de investigação (ver anexo). Antes

de iniciarem o preenchimento dos questionários, explicou-se de uma forma breve o objetivo do estudo, que a informação era anónima e confidencial, que não existiam respostas certas e erradas e que estavam à vontade para colocar dúvidas caso surgissem e a possibilidade de poderem desistir a qualquer momento. O preenchimento do questionário teve uma duração aproximada de 20 minutos e foi feito de forma individual.

Os dados recolhidos foram introduzidos numa base de dados em Excel e os procedimentos estatísticos foram efetuados a partir do programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 18.0 para o Windows.

Capítulo VIII- Resultados

Análise Fatorial da Escala de atitudes em relação ao amor (LAS)

Para estudar a estrutura fatorial da Escala de atitudes em relação ao amor (LAS) foi realizada uma análise fatorial. Utilizando os critérios de raízes próprias superiores a 1, verificaram-se 12 fatores. Esta estrutura não era teoricamente interpretável. Para ver se a estrutura do modelo de Lee (1973) se verificava, foi forçada uma estrutura de seis fatores. Deste modo, verificaram-se as seguintes percentagens de variância: 13,1% (fator 1), 10,8% (fator 2), 7,8% (fator 3), 7,7% (fator 4), 5,3% (fator 5) e 4,6% (fator 6).

O primeiro fator englobou os itens do estilo de amor Ludus sendo este caracterizado por ser um estilo de amor manipulativo no qual o amor é visto como um jogo no qual está patente uma falta de compromisso por parte do indivíduo. Esses itens são os seguintes: 8, 9, 10 (“Por vezes tive que evitar que dois namorados meus soubessem da existência um do outro”), 11, 12, 13 e 14 (“Gosto de jogar o "jogo do amor" com diferentes companheiros”). Os itens 29, 30, 31, 32 (“Quando o meu parceiro não me presta atenção, sinto-me doente”), 33, 34 e 35 (“Quando o meu parceiro não me liga durante algum tempo, tenho atitudes desadequadas para tentar atrair novamente a sua atenção”) integraram-se no fator 2, o estilo de amor Mania caracterizado por um amor mais imaturo, dependente e obsessivo, vivido de forma intensa. Relativamente ao terceiro fator, este abrangiu os itens 36, 37, 38, 39 (“Geralmente estou disposto a sacrificar os meus desejos para que o meu parceiro alcance os seus”), 40, 41 e 42 (“Eu suportaria todas as coisas pelo bem-estar do parceiro”) representando o estilo de amor Ágape sendo este um amor altruísta. O quarto fator englobou os itens de Pragma, um amor racional e prático, sendo um estilo de relação mais lógico e calculista. Nesse fator estão os itens 22 (“Tenho em consideração o que a pessoa tenciona ser na vida antes de me comprometer com ela”), 23 (“Tento planear a minha vida cuidadosamente antes de escolher um parceiro”), 24, 25, 26, 27 e 28. Os itens 1, 2 (“Eu e o meu parceiro temos uma "química" física ideal”), 3, 4 (“Sinto que o meu parceiro e eu fomos feitos um para o outro”), 5, 6 e 7 enquadraram-se no quinto fator sendo esse Eros, um estilo de amor erótico sendo que corresponde ao amor apaixonado/romântico. Por fim, o sexto fator representou Storge, um amor baseado na amizade, com os itens 15, 16, 17, 18, 19 (“A nossa amizade transformou-se gradualmente em amor ao longo do tempo”), 20 e 21 (“As minhas relações amorosas mais satisfatórias desenvolveram-se a partir de boas amizades”).

Segue a tabela da análise fatorial aplicada à Escala de atitudes em relação ao amor (LAS) (Tabela 2).

Tabela 2 – *Análise Fatorial da Escala de atitudes em relação ao amor (LAS)*

	Fator					
	1	2	3	4	5	6
14-Gosto de jogar o "jogo do amor" com diferentes companheiros	.692					
10-Por vezes tive que evitar que dois namorados meus soubessem da existência um do outro	.646					
11-Recomponho-me de casos amorosos muito fácil e rapidamente	.606					
8-Tento manter o meu parceiro numa certa incerteza em relação ao meu comprometimento com ele	.578					
13-Quando o meu parceiro fica demasiado dependente de mim, tento voltar um pouco a atrás	.426					
12-O meu parceiro ficaria aborrecido se soubesse de algumas coisas que eu fiz com outras pessoas	.301					
9-Acredito que aquilo que o meu parceiro não sabe de mim não o magoará	.225		.242			
32-Quando o meu parceiro não me presta atenção, sinto-me doente		.751				
35-Quando o meu parceiro não me liga durante algum tempo, tenho atitudes desadequadas para tentar atrair novamente a sua atenção		.723				
33-Quando namoro, tenho problemas em concentrar-me noutra coisa		.720				
34-Não consigo relaxar quando suspeito que o meu parceiro está com outra pessoa		.671				
30- Quando os meus relacionamentos amorosos acabam, fico tão deprimido que até já pensei no suicídio		.666				
29-Quando as coisas não estão bem entre mim e o meu parceiro, o meu estômago fica perturbado		.561				
31-Por vezes fico tão excitado por estar a namorar que não consigo dormir		.552				
39-Geralmente estou disposto a sacrificar os meus desejos para que o meu paceiro alcance os seus			.801			
42-Eu suportaria todas as coisas pelo bem-estar do parceiro			.758			
38-Só posso ser feliz pondo a felicidade do meu parceiro antes da minha			.751			
37-Prefiro sofrer a deixar o meu parceiro sofrer			.688			
40-Qualquer objeto que seja meu, o meu parceiro pode utiliza-lo como desejar			.652			
41-Quando o meu parceiro se zanga comigo, eu continuo a amá-lo totalmente e incondicionalmente			.557			

36- Em situações de dificuldade, tento sempre ajudar o meu parceiro	.183	
23-Tento planear a minha vida cuidadosamente antes de escolher um parceiro	.786	
22-Tenho em consideração o que a pessoa tenciona ser na vida antes de me comprometer com ela	.756	
25-Um aspeto principal a considerar na escolha de um parceiro é o modo como a minha família o vê	.696	
24- É melhor amar alguém de um meio semelhante ao nosso	.659	
27-Uma consideração na escolha de um companheiro é o modo como ele interferirá na minha carreira	.650	
26-Um importante fator na escolha de um companheiro é se ele será ou não um bom (boa) pai (mãe)	.567	
28-Antes de me envolver muito com uma pessoa, tento saber se existe compatibilidade hereditária no caso de irmos a ter filhos	.483	.412
2-Eu e o meu parceiro temos uma "química" física ideal	.801	
4-Sinto que o meu parceiro e eu fomos feitos um para o outro	.756	
7- O meu parceiro corresponde ao meu ideal de beleza física	.661	
3-O nosso relacionamento físico é muito intenso e satisfatório	.613	
6- O meu parceiro e eu compreendemo-nos	.571	
5-O meu parceiro e eu envolvemo-nos emocionalmente com muita rapidez	.405	
1-Eu e o meu parceiro ficámos atraídos um pelo outro assim que nos conhecemos	.331	-.377
21-As minhas relações amorosas mais satisfatórias desenvolveram-se a partir de boas amizades	.849	
19- A nossa amizade transformou-se gradualmente em amor ao longo do tempo	.831	
18- O melhor amor cresce a partir de uma amizade longa	.783	
20-O amor é uma amizade muito profunda, não uma emoção misteriosa ou mística	.556	
15-É difícil dizer exatamente onde acaba a amizade e começa o amor	.369	
16-O amor genuíno requer que as pessoas se conheçam e gostem um do outro durante algum tempo	-.449	.221
17-Espero ser sempre amigo de quem amo	-.524	.034

Propriedades psicométricas de cada fator da escala de atitudes em relação ao amor (LAS)

O fator Ludus apresentou um alpha de Cronbach de .686, sendo este o valor mais baixo encontrado. Neste fator fizeram parte 7 itens (do item 8 ao item 14). Ao explorar a tabela 3, verificou-se que ao eliminar qualquer um dos itens, o alpha de Cronbach iria diminuir, mas especificamente o item 10. Este resultado não foi de encontro com o pretendido uma vez que o item 9 foi considerado como ambíguo, esperava-se que a eliminação do mesmo aumentasse o alpha de Cronbach. No entanto, verificou-se o valor da correlação item total do item 9 como sendo o mais baixo, o que permitiu concluir que este item foi o menos representativo do fator.

No fator Mania, no qual foram incluídos também 7 itens, o alpha de Cronbach apresentado foi de .80. Ao analisar esta subescala, verificou-se que à exceção do item 29, a eliminação dos itens iria diminuir o alpha de Cronbach, nomeadamente os itens 32, 33 e 35 (tabela 4).

O terceiro fator Ágape apresentou um alpha de Cronbach de .80 sendo que se o item 36 fosse eliminado, o alpha de Cronbach da subescala iria aumentar. Deste modo, observou-se um valor de correlação item-total baixo o que significa que o item se correlaciona pouco com os restantes da subescala. No que respeito aos outros itens, verificou-se que a rejeição de qualquer um deles, iria diminuir o alpha de Cronbach da subescala, sendo que apresentam valores de correlação item total satisfatórios (tabela 5).

No quarto fator (Pragma) verificou-se um alpha de Cronbach de .79. Este fator englobou 7 itens, do item 22 ao item 28. Ao observar-lo com mais detalhe, pode-se afirmar que ao eliminar qualquer um dos itens, o alpha de Cronbach iria diminuir, à exceção dos itens 26 e 28 (tabela 6). Este resultado coincidiu com a análise fatorial anterior uma vez que o item 28 foi considerado como ambíguo. Deste modo, verificou-se que o valor de correlação item total deste item foi o menos elevado, permitindo concluir que o item 28 é o item menos representativo do fator.

Relativamente ao fator 5, o estilo Eros, foi constituído por 7 itens (do item 1 ao item 7) e apresentou um alpha de Cronbach de .75. Com a eliminação de qualquer um dos itens, o alpha de Cronbach iria diminuir nomeadamente o item 4 (tabela 7). Quando observada a análise fatorial, esperava-se que a eliminação do item 1 aumentasse o alpha de Cronbach, no entanto isto não se verificou uma vez que o alpha de Cronbach mantém o mesmo valor. No entanto, o valor da correlação item total deste item foi o menos elevado, podendo concluir-se que o item 1 é o item que menos representou o fator.

O fator 6 representou a subescala Storge e apresentou um alpha de Cronbach de .72. Verificou-se que se os itens 15 e 17 fossem retirados, o alpha aumentaria (tabela 8). Sendo o item 17 considerado como ambíguo, o seu valor de correlação item total foi o menos elevado, sendo então o item que menos representou o fator.

Tabela 3 - *Propriedades psicométricas do fator Ludus*

	Valor correlação item total	Valor correlação se item for eliminado
8-Tento manter o meu parceiro numa certa incerteza em relação ao meu comprometimento com ele	.439	.602
9-Acredito que aquilo que o meu parceiro não sabe de mim não o magoará	.221	.674
10-Por vezes tive que evitar que dois namorados meus soubessem da existência um do outro	.515	.583
11-Recomponho-me de casos amorosos muito fácil e rapidamente	.433	.605
12-O meu parceiro ficaria aborrecido se soubesse de algumas coisas que eu fiz com outras pessoas	.319	.643
13-Quando o meu parceiro fica demasiado dependente de mim, tento voltar um pouco a atrás	.284	.648
14-Gosto de jogar o "jogo do amor" com diferentes companheiros.	.488	.604

Tabela 4: *Propriedades psicométricas do fator Mania*

	Valor correlação item total	Valor correlação se item fosse eliminado
29-Quando as coisas não estão bem entre mim e o meu parceiro, o meu estômago fica perturbado	.378	.809
30- Quando os meus relacionamentos amorosos acabam, fico tão deprimido que até já pensei no suicídio	.525	.783
31-Por vezes fico tão excitado por estar a namorar que não consigo dormir	.491	.789
32-Quando o meu parceiro não me presta atenção, sinto-me doente	.650	.762
33-Quando namoro, tenho problemas em concentrar-me noutra coisa	.634	.765
34-Não consigo relaxar quando suspeito que o meu parceiro está com outra pessoa	.525	.785
35-Quando o meu parceiro não me liga durante algum tempo, tenho atitudes desadequadas para tentar atrair novamente a sua atenção	.608	.768

Tabela 5: *Propriedades psicométricas do fator Ágape*

	Valor correlação item total	Valor correlação se item fosse eliminado
36- Em situações de dificuldade, tento sempre ajudar o meu parceiro	.209	.827
37-Prefiro sofrer a deixar o meu parceiro sofrer	.639	.764
38-Só posso ser feliz pondo a felicidade do meu parceiro antes da minha	.615	.768
39-Geralmente estou disposto a sacrificar os meus desejos para que o meu paceiro alcance os seus	.659	.759
40-Qualquer objeto que seja meu, o meu parceiro pode utiliza-lo como desejar	.488	.791
41-Quando o meu parceiro se zanga comigo, eu continuo a amá-lo totalmente e incondicionalmente	.527	.784
42-Eu suportaria todas as coisas pelo bem-estar do parceiro	.625	.765

Tabela 6: *Propriedades psicométricas do fator Pragma*

	Valor correlação item total	Valor correlação se item fosse eliminado
22-Tenho em consideração o que a pessoa tenciona ser na vida antes de me comprometer com ela	.602	.753
23-Tento planejar a minha vida cuidadosamente antes de escolher um parceiro	.650	.745
24- É melhor amar alguém de um meio semelhante ao nosso	.531	.767
25-Um aspeto principal a considerar na escolha de um parceiro é o modo como a minha família o vê	.605	.753
26-Um importante fator na escolha de um companheiro é se ele será ou não um bom (boa) pai (mãe)	.403	.791
27-Uma consideração na escolha de um companheiro é o modo como ele interferirá na minha carreira.	.518	.770
28-Antes de me envolver muito com uma pessoa, tento saber se existe compatibilidade hereditária no caso deirmos a ter filhos	.363	.794

Tabela 7: *Propriedades psicométricas do fator Eros*

	Valor correlação item total	Valor correlação se item fosse eliminado
1-Eu e o meu parceiro ficámos atraídos um pelo outro assim que nos conhecemos	.312	.747
2-Eu e o meu parceiro temos uma "química" física ideal	.553	.681
3-O nosso relacionamento físico é muito intenso e satisfatório	.360	.718
4-Sinto que o meu parceiro e eu fomos feitos um para o outro	.662	.652
5-O meu parceiro e eu envolvemo-nos emocionalmente com muita rapidez	.420	.710
6- O meu parceiro e eu compreendemo-nos	.478	.694
7- O meu parceiro corresponde ao meu ideal de beleza física	.451	.699

Tabela 8: *Propriedades psicométricas do fator Storge*

	Valor correlação item total	Valor correlação se item fosse eliminado
15-É difícil dizer exatamente onde acaba a amizade e começa o amor	.236	.738
16-O amor genuíno requer que as pessoas se conheçam e gostem um do outro durante algum tempo	.300	.717
17-Espero ser sempre amigo de quem amo	.193	.738
18- O melhor amor cresce a partir de uma amizade longa	.602	.649
19- A nossa amizade transformou-se gradualmente em amor ao longo do tempo	.602	.640
20-O amor é uma amizade muito profunda, não uma emoção misteriosa ou mística	.515	.670
21-As minhas relações amorosas mais satisfatórias desenvolveram-se a partir de boas amizades	.601	.643

Validade convergente e discriminante entre os estilos de Amor da LAS

No que diz respeito ao fator Ludus, verificou-se que este correlacionou-se de forma positiva com os fatores Mania ($r = .217$; $p < .01$) com intensidade fraca e com Pragma ($r = .127$; $p < .05$) de intensidade muito fraca, apresentando também correlação negativa com Eros ($r = -.228$; $p < .01$) de intensidade fraca. Por sua vez, o fator Mania correlacionou-se de forma positiva com Agape ($r = .196$; $p < .01$) e Pragma ($r = .230$; $p < .01$) com intensidades fracas enquanto a correlação é negativa com Eros e Storge, não sendo significativas. No que refere ao fator Agape, relacionou-se positivamente com todos os outros fatores (Eros ($r = .224$; $p < .01$) e Storge ($r = .223$; $p < .01$)) a exceção do fator Pragma de intensidade muito fraca, não sendo significativa. Por fim, existe correlações negativas entre o fator Storge com Ludus, Mania e Eros de intensidades muito fracas e correlação positiva fraca com Agape, não sendo significativas.

Tabela 9: *Validade convergente e discriminante entre os estilos de Amor da LAS*

	LU	MA	AG	PR	ER	ST
LU						
MA	.217**					
AG	.060	.196**				
PR	.127*	.230**	-.020			
ER	-.228**	-.003	.224**	-.030		
ST	-.084	-.038	.223**	.089	-.011	

** . Correlação significativa a 0.01 | * . Correlação significativa a 0.05

LU = Ludus; MA = Mania; AG = Agape; PR = Pragma; ER = Eros; ST = Storge

Validade convergente e discriminante entre os estilos de amor e as outras escalas de amor

Verificou-se que a escala RAS correlacionou-se de forma positiva com os fatores Ludus, Mania, Storge com intensidade muito fraca não significativas e Pragma ($r = .158$; $p < .01$) com intensidade fraca , e de forma negativa com Agape ($r = -.124$; $p < .05$) e Eros ($r = -.287$; $p < .01$) de intensidade fraca. No que diz respeito a escala STLS, observaram-se correlações positivas com os fatores Ludus, Mania (não singificativas) e Pragma ($r = .139$; $p < .05$) de intensidade fraca e correlação negativa com Agape ($r = -.263$; $p < .01$) e Storge (não significativa) de intensidade fraca e Eros ($r = -.370$; $p < .01$) de intensidade moderada. Por sua vez, a escala PLS apresentou correlações negativas de intensidades moderada e fraca com todos os fatores (Mania ($r = -.350$; $p < .01$), Agape ($r = -.484$; $p < .01$), Eros ($r = -.437$; $p < .01$) e Storge ($r = -.206$; $p < .01$)) a exceção da Ludus ($r = .136$; $p < .05$) com correlação positiva de intensidade fraca. A escala TCRS correlacionou-se negativamente com Mania e Storge de intensidade muito fraca sendo não significativas, Agape ($r = -.307$; $p < .01$) e Eros ($r = -.218$; $p < .01$) de forma fraca, e positivamente com Pragma ($r = .129$; $p < .05$) de intensidade fraca. Por fim, a escala MJS apresentou correlações negativas com os fatores Ludus ($r = -.135$; $p < .05$), Mania ($r = -.433$; $p < .01$), Pragma ($r = -.198$; $p < .01$) e correlação positiva com Storge ($r = .124$; $p < .05$) com intensidade fraca.

Tabela 10: *Validade convergente e discriminante entre os estilos de amor e as outras escalas de amor*

	LU	MA	AG	PR	ER	ST
RAS	.002	.030	-.124*	.158**	-.287**	.011
STLS	.080	.102	-.263**	.139*	-.370**	-.104
PLS	.136*	-.350**	-.484**	.021	-.437**	-.206**
TCRS	.042	-.058	-.307**	.129*	-.218**	-.078
MJS	-.135*	-.433**	-.015	-.198**	.083	.124*

** . Correlação significativa a 0.01 | * . Correlação significativa a 0.05

LU = Ludus; MA = Mania; AG = Agape; PR = Pragma; ER = Eros; ST = Storge; RAS – Escala de avaliação da relação; STLS – Escala triangular do amor de Sternberg; PLS – Escala do amor apaixonado; TCRS – Escala de confiança nos relacionamentos; MJS – Escala multidimensional do ciúme; LAS – Escala de atitudes em relação ao amor

Diferenças entre sexos nos estilos de amor e nas escalas do amor

Os resultados obtidos mostraram que não se verificaram diferenças significativas entre sexos nos diversos tipos de amor e nas escalas de amor a exceção da escala triangular do amor (STLS) ($t(302) = -1.522$; $p = .015$) e na escala da confiança (TCRS) ($t(302) = -.309$; $p = .019$), demonstrando que as mulheres apresentam níveis de amor (intimidade, paixão e compromisso) mais altos ($M = 352,8$; $DP = 39,41$) do que os homens e valores mais elevados relativamente à confiança ($M = 12$; $DP = 9$).

Tabela 11: *Diferenças entre sexos nos estilos de amor e nas escalas do amor*

	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>t</i>	<i>Sig.</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
LU	27.37	4.59	28	4.93	-1.088	.727
MA	24.75	5.75	24.8	6.1	-.051	.468
ÁG	17.7	6.1	18.72	5.3	-1.561	.238
PR	24.4	5.13	24.7	5.84	-.380	.079
ER	13.9	4.07	14.66	4.80	-1.488	.145
ST	19.3	5.6	18.37	5.6	1.431	.725
RAS	25.5	2.4	25.65	2.04	-.640	.074
STLS	344.4	50.36	352.8	39.41	-1.522	.015*
PLS	199.2	33.3	201.9	33.6	-.687	.783
TCRS	11.6	10.02	12	9	-.309	.019*
MJS	76.9	19.3	76.6	17.1	.126	.814

*. $P > .05$

LU = Ludus; MA = Mania; AG = Agape; PR = Pragma; ER = Eros; ST = Storge; RAS – Escala de avaliação da relação; STLS – Escala triangular do amor de Sternberg; PLS – Escala do amor apaixonado; TCRS – Escala de confiança nos relacionamentos; MJS – Escala multidimensional do ciúme; LAS – Escala de atitudes em relação ao amor

Capítulo IX- Discussão

O presente trabalho teve como objetivo contribuir para uma melhor compreensão da natureza do amor romântico, replicando o modelo original de Lee (1973) na população portuguesa. Foi então dado um foco especial aos fatores da escala *Love Attitudes Scale* (LAS) (Hendrick & Hendrick, 1986).

Deste modo, foram analisados os fatores de forma individual, as relações entre os mesmos, a relação desses fatores com outras escalas do amor, bem como as diferenças entre sexos.

A primeira hipótese formulada para esta investigação postula que a estrutura da escala *Love Attitudes Scale* (LAS) seja constituída por seis fatores. Inicialmente, os resultados encontrados indicaram uma estrutura de doze fatores sendo então forçada para seis fatores, convergindo então com a estrutura da escala original de Hendrick e Hendrick (1986).

A teoria de Lee (1973) defende a existência de seis fatores da escala sendo que estes representam os seis estilos de amor descritos pelo autor. Deste modo, Lee (1973) afirma que existem três estilos de amor primários e três estilos de amor secundários sendo que os últimos nascem da junção dos primeiros, da mesma forma que as cores primárias e secundárias. Como estilos de amor primários, Lee aponta o amor Eros, o amor Ludus e o amor Storge. No que diz respeito ao amor Eros, é visto como um estilo de amor erótico sendo que corresponde ao amor apaixonado/romântico, no qual o indivíduo demonstra demasiada atenção e importância ao físico do outro, bem como ao aspeto sexual. O amor Ludus pode ser caracterizado por ser um estilo de amor manipulativo no qual o amor é visto como um jogo no qual está patente uma falta de compromisso por parte do indivíduo. No amor Storge, esta presente um amor baseado numa amizade especial como forma de união, pondo em primeiro lugar o aspeto emocional. Os estilos de amor secundários baseiam-se na combinação de dois estilos de amor primários. Como estilos de amor secundários destacam-se o amor Pragma, o amor Mania e o amor Ágape. O amor Pragma nasce da relação entre os amores Storge e Ludus, e é definido como um amor racional e prático, sendo um estilo de relação mais lógico e calculista. O estilo de amor Mania vem da combinação entre Eros e Ludus, caracterizando um amor mais imaturo, dependente e obsessivo, vivido de forma intensa. Os indivíduos manifestam necessidade em ser amados e medo de sofrer, demonstrando comportamentos excessivos e até ciúmes. Por fim, o amor Ágape é visto como um amor altruísta e nasce da combinação entre Eros e Storge. Neste amor, os indivíduos dedicam-se de forma exagerada sendo para eles como um dever perante o outro apesar da ausência de reciprocidade. Verificou-se também que os itens considerados como ambíguos na análise fatorial deste estudo, manifestavam valores inferiores nos valores de

correlações inter-item em cada fator e valores elevados de alpha se estes fossem retirados do fator.

No que diz respeito à segunda hipótese, era esperado que os participantes do sexo masculino apresentassem valores mais elevados nos estilos de amor Ludus e Eros, quando comparados com as mulheres.

Nesta investigação, os resultados encontrados não coincidem com os resultados encontrados por Hendrick e Hendrick (1986), uma vez que não se verificaram diferenças significativas entre homens e mulheres no que diz respeito aos estilos de amor Ludus e Eros.

No estudo desenvolvido por Neto (1994) em Portugal, verificou-se que os homens apresentam valores mais elevados nos estilos de amor Ludus e Ágape, diferenciando-se um pouco do estudo original de Hendrick e Hendrick (1986). Na literatura, estão patentes alguns fatores que podem influenciar estes resultados. Neste sentido, a intensidade da relação vivenciada pelos indivíduos e a duração do relacionamento estão diretamente relacionadas com estes resultados. Deste modo, uma pessoa pode manifestar um estilo de amor com um parceiro e apresentar um estilo de amor diferente se for outro parceiro. Os autores defendem ainda que um indivíduo pode vivenciar diversos estilos de amor no decorrer da sua vida, dependendo do momento da sua vida. Assim, o tipo de estilo de amor de uma pessoa baseia-se na natureza do relacionamento com o seu parceiro, dependendo também das relações anteriores, das diferenças culturais dos parceiros e da sociedade na qual se enquadram (Lee, 1973; Neto, 1994). Nenhuma pessoa apresenta somente um estilo de amor, pois na realidade manifestam-se um ou dois estilos de amor que podem ser modificados consoante a idade, o momento da vida, a relação entre outros (Hendrick & Hendrick, 1992; Lee, 1998).

Para avaliar a terceira hipótese deste estudo, era esperado que as mulheres apresentem valores mais elevados de Storge, Pragma e Mania, quando comparadas com os homens.

Os resultados encontrados não são de acordo com a hipótese formulada sendo então diferentes do estudo original do Hendrick e Hendrick (1986), uma vez que não se verificaram diferenças significativas entre homens e mulheres no que diz respeito aos estilos de amor Storge, Pragma e Mania.

No que diz respeito à literatura neste âmbito, os autores salientam que apesar de existirem diferenças entre homens e mulheres em certas atitudes e comportamentos nos relacionamentos amorosos, estão patentes mais semelhanças entre géneros nestas relações do que em outras áreas da vida. No estudo desenvolvido em Portugal, Neto (1994) afirma a ausência de diferenças entre homens e mulheres nos estilos de amor Eros, Pragma e Mania.

Neste sentido, observou-se que os indivíduos que declaravam estar apaixonados nesse momento apresentavam valores mais altos em Eros e Ágape e menores valores em Ludus. Deste modo, estes resultados permitem concluir que a percepção de estar apaixonado influencia três dos seis estilos de amor (Lee, 1973; Neto, 1994). Num estudo desenvolvido em França (Feybesse, Coudin & Hatfield, in preparation), não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito aos estilos de amor Storge, Pragma e Mania, existindo apenas diferenças no estilo de amor Eros. Os autores defendem também que a personalidade do indivíduo influencia de forma direta o estilo de amor do mesmo (Hendrick & Hendrick, 1992; Lee, 1998).

No que diz respeito à quarta hipótese, esta relatava que maiores níveis de Eros estivessem associados a maiores níveis de Ágape e a menores níveis de Ludus; que maiores níveis de Ludus estejam associados a maiores níveis de Pragma e a menos níveis de Ágape; e que maiores níveis de Pragma estejam relacionados a maiores níveis de Mania.

Os resultados encontrados neste estudo confirmaram a hipótese, sendo que todas as relações estão de acordo com a investigação original de Hendrick e Hendrick (1986) e de Neto (1994).

Neste sentido, maiores níveis de Eros estão associados a maiores níveis de Ágape uma vez que o estilo de amor Ágape nasce da combinação dos estilos de amor Eros e Storge, havendo então uma relação direta entre ambos. Por mais, o amor Eros representa o amor romântico/apaixonado enquadrando-se com o amor Ágape sendo este um amor altruísta. Pois, um indivíduo que esteja apaixonado tende a dedicar-se ao outro, não apresentando qualquer tipo de egoísmo. Este mostra estar sempre pronto para ajudar o seu parceiro. Relativamente a maiores níveis de Eros estarem associados a menores níveis de Ludus, esta relação vai de acordo com a teoria de Lee (1973) uma vez que o amor Eros e o amor Ludus são dois dos três estilos de amor primários sendo completamente independentes. Assim sendo, o amor Eros é considerado como amor romântico e o amor Ludus é visto como um amor manipulador, não estando relacionados sendo até mesmo opostos (Lee, 1973; Neto, 1994).

No mesmo sentido que os amores anteriores, era esperado que maiores níveis de Ludus estejam associados a maiores níveis de Pragma. Pois, o amor Pragma nasce da junção do amor Ludus e do amor Storge, havendo uma relação direta entre ambos. Sendo o amor Ludus, um amor manipulador e o amor Pragma um amor calculista, estes estão relacionados sendo tipos de amor parecidos. No que diz respeito maiores níveis de Ludus estejam relacionados a menores níveis de Ágape, os resultados coincidem com a teoria de Lee, uma vez que o amor Ludus é um amor manipulador com pouco compromisso por parte do indivíduo enquanto o amor Ágape é

visto como um amor exagerado no qual o indivíduo dedica-se totalmente ao outro estando sempre disposto a ajudar sendo um amor altruísta (Lee, 1973; Neto, 1994).

Conclusão

Esta investigação teve como objetivo contribuir para uma melhor compreensão da natureza do amor romântico, replicando o modelo original de Lee (1973) na população portuguesa. Foi então dado um foco especial aos fatores da escala *Love Attitudes Scale* (LAS) (Hendrick & Hendrick, 1986).

O amor é considerado um elemento essencial num relacionamento amoroso, sendo responsável pelo desencadeamento de vários sentimentos. Este pode ser visto como uma atitude ou como uma emoção dependendo da teoria defendida por cada autor. Pode-se afirmar que o amor está presente em todos os indivíduos e ao longo de toda a sua vida. No entanto, este pode manifestar-se de forma diferente consoante a pessoa que o vivencia. Diversos autores estudaram o amor com a finalidade de encontrar uma definição única do mesmo sendo um conceito complexo. Neste contexto, foram desenvolvidas diversas teorias para uma melhor compreensão do amor. Uma das teorias mais relevante e mais completa é a teoria dos estilos de amor de Lee (1973) que defendia a existência de seis estilos de amor. Para avaliar os seis estilos de amor, Hendrick e Hendrick (1986) desenvolveram a *Love Attitudes Scale*.

No que se refere às hipóteses colocadas inicialmente, foi rejeitada a hipótese relacionada com a estrutura da escala quando replicado o modelo original à população portuguesa. No mesmo sentido, não se verificaram diferenças significativas entre sexos no que diz respeito aos seis estilos de amor, rejeitando assim as hipóteses a esse nível. No entanto, confirma-se a hipótese relacionada com as correlações existentes entre os estilos de amor da escala LAS.

Relativamente às limitações deste estudo, uma das principais limitações foi a amostra, sendo uma amostra de conveniência. Deste modo, é necessário ter algum cuidado com a significância da amostra ao generalizar os resultados à população portuguesa. O mesmo acontece com a representatividade da amostra. Outra limitação desta investigação foi o protocolo por este ser extenso, enviesando as respostas obtidas. Assim, a fadiga por parte dos participantes poderá ter influenciado os resultados deste estudo. No mesmo âmbito, a participação das mulheres sendo mais importante do que a dos homens, esta pode ser outra limitação deste estudo.

Como considerações futuras, era interessante replicar este estudo nos casados e nas pessoas em união de facto. Seria também importante introduzir outras variáveis no estudo como por exemplo satisfação sexual.

Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1968). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025. doi: 10.1111/j.1467-8624.1969.tb04561.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. (1st ed.). New York: Erlbaum Associates.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Acevedo, B.P. & Aron, A. (2009). Does a Long-Term Relationship Kill Romantic Love?. *Review of General Psychology*, 13, 59-65. doi: 10.1037/a0014226.
- Adams, J. M. & Jones, W. H. (1997). The conceptualization of marital commitment: An integrative analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 1177–1196. doi:10.1007/978-1-4615-4773-0_4.
- Alcock, J. (2001). *Animal Behaviour* (7th ed.). Massachusetts: Sinauer.
- Altman, I. & Taylor, D. A. (1973). *Social Penetration: The Development of Interpersonal Relationships*. New York: Holt, Rinehart, and Winston.
- Andrade, A & Garcia, A. (2009). Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona*, 3 (1), 89-102.
- Aron A., Fisher H.E., Mashek D.J., Strong G. & Brown L.L. (2005) Reward, motivation and emotion systems associated with early-stage intense romantic love: an fMRI study. *Journal Neurophysiol*, 94, 327–337.
- Arriaga, X. B., Kumashiro, M., Finkel. E. J., VanderDrift, L. E., & Luchies, L. B. (2014). Filling the void: Bolstering attachment security in committed relationships. *Social Psychological and Personality Science*, 5, 398-406.
- Baumeister, R.F. & Leary, M.R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529.
- Berscheid, E. (2010). Love in the fourth dimension. *Annual Review of Psychology*, 61, 1–25. doi: 10.1146/annurev.psych.093008.100318.
- Bowlby, J. (1958). The Nature of the Child's Tie to His Mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.

- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1990). *Formação e Rompimento dos Laços Afetivos*. (2ªed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2002). *Apego. A Natureza do Vínculo*. (3ªed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Buss, D. M. (2000). Prescription for Passion. *Psychology Today*, 33, 54-61.
- Buss, D., Larsen, R., Westen, D. & Semmelroth, J. (1992). Sex Differences in Jealousy: Evolution, Pyisiology, and Psychology. *Psychological Science*, 3, 251-255. doi:10.1111/j.1467-9280.1992.tb00038.
- Buss, D. M. (2005). *Handbook of evolutionary psychology*. (1st ed.). New Jersey: John Waley & Sons.
- Buunk, B. P., & Bringle, R. G. (1987). Jealousy in Love Relationships. In D. Perlman & S. Duck (Eds.), *Intimate relationships: Development, dynamics and deterioration*, 123-147.
- Buunk, B. P. (1991). Jealousy in close relationships: An exchange-theoretical perspective. In P. Salovey (Ed.), *The Psychology of Jealousy and Envy*. London: The Guilford Press. 148-177
- Buunk, B. P., Angleitner, A., Oubaid, V., & Buss, D. M. (1996). Sex Differences in Jealousy in Evolutionary and Cultural Perspective. *Psychological Science*, 7, 359-363. doi:10.1111/j.1467-9280.1996.tb00389.
- Cassepp-Borges, V. & Teodoro, M. (2007). Propriedades Psicométricas da Versão Brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Critica*, 20 (3), 513-522. doi: 10.1590/S0102-79722007000300020.
- Choukas-Bradley, S.; Goldberg, S.K.; Widman, L.; Reese, B.M. & Halpern, C.T. (2015). Demographic and developmental differences in the content and sequence of adolescents' ideal romantic relationship behaviors. *Journal of Adolescence*, 45,112-26. doi: 10.1016/j.adolescence.2015.08.019.
- Costa, J. & Melo, A. (1999). *Dicionário da Língua Portuguesa*. (8ª ed.). Porto Editora.
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Lisboa: Edições ASA.
- Costa, A. L.; Sophia, E. C.; Sanches, C.; Tavares, H. & Zilberman, M. L. (2015). Pathological jealousy: romantic relationship characteristics, emotional and personality aspects, and social adjustment. *Journal of Affective Dissorders*, 174, 38-44. Doi: 10.1016/j.jad.2014.11.017.

- Cuenca-Montesino, M.L.; Graña, J.L. & O'Leary, K.D. (2015). Intensity of Love in a Community Sample of Spanish Couples in the Region of Madrid. *The Spanish Journal of Psychology*, 18. doi: 10.1017/sjp.2015.79.
- DeSteno, D., A. & Salovey, P. (1996) Evolutionary Origins Of Sex Differences in Jealousy? Questioning the “Fitness” of the Model. *Psychological Science*, 7, (6) 367-372. doi: 10.1111/j.1467-9280.1996.tb00391.
- Dinkel, A., & Balck, F. (2005). An evaluation on the German relationship assessment scale. *Swiss Journal of Psychology*, 64 (4),259-263. doi: 10.1024/1421- 0185.64.4.259
- Dwyer (2000). *Interpersonal relationships*. London: Routledge.
- Feldstein Ewing, S.W. & Bryan, A.D. (2015). A Question of Love and Trust? The Role of Relationship Factors in Adolescent Sexual Decision Making. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 36 (8), 628-34. doi: 10.1097/DBP.0000000000000190.
- Freud, S. (1922) Some neurotic mechanisms in jealousy, paranoia and homosexuality. Reprinted. 1953–1974
- Fromm, E. (1966) *A Arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Gable, S. L., Gonzaga, G., & Strachman, A. (2006). Will you be there for me when things go right? Supportive responses to positive event disclosures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 904–917. doi: 10.1037/0022-3514.91.5.904
- Gikovate, F. (2006). *Ensaio sobre o amor e a solidão*. São Paulo: MG Editores.
- Guerrero, L. K. (1998). Attachment-style differences in the experience and expression of romantic jealousy. *Personal Relationships*, 5, 273-291.
- Hall, C., Lindzey, G., & Campbell, J. (2000). *Teorias da Personalidade* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Harlow, H. F. (1958). Nature of Love. *American Psychologist*, 13 (2), 673-685. doi: 10.1037/h0047884.
- Harris, C. R. (2004). The Evolution of Jealousy. *American Scientist*, 92, 63-71.
- Hatfield, E. (1988). Passionate and companionate love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* New Haven. CT: Yale University Press, 191-217.
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relations. *Journal of Adolescence*, 9, 383-410.

- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1994). Attachment as an Organizational Framework for Research on Close Relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22. doi: 10.1207/s15327965pli0501_1.
- Hendrick, S. e Hendrick, C. (1992). *Romantic Love*. Newbury Park: Sage Publications.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402. doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.392
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 93-98.
- Hintz, H. C. (2003). O Ciúme no Processo Amoroso. *Pensando Famílias*, 5(5), 45-55.
- Hofmann, W., Finkel, E. J., & Fitzsimons, G. M. (in press). Close relationships and self regulation: How relationship satisfaction facilitates momentary goal pursuit. *Journal of Personality and Social Psychology*.
- Hui, C. M., Finkel, E. J., Fitzsimons, G. M., Kumashiro, M., & Hofmann, W. (2014). The Manhattan effect: When relationship commitment fails to promote support for partner interests. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106, 546-570.
- Hunt, L. L., Eastwick, P. W., & Finkel, E. J. (2015). Leveling the playing field: Acquaintance length predicts reduced assortative mating on attractiveness. *Psychological Science*, 26, 1046 -1053.
- Kerckhoff, A.C. & Davis, K.E. (1962). Value consensus and need complementarity in mate selection. *American Sociological Review* 27 (3), 295-303.
- Kross, E., Berman, M., Mischel, W., Smith, E. & Wager, T. (2011). Social rejection shares somatosensory representations with physical pain. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 108 (15), 6270-6275.
- Laurenceau, J. P., Rivera, L. M., Schaffer, A. R., & Pietromonaco, P. R. (2004). Intimacy as an interpersonal process: Current status and future directions.
- Lazarus, R. (1991). *Emotion and Adaptation*. New York: Oxford University Press.
- Leary, M. R., & Downs, D. L. (1995). Interpersonal functions of the self-esteem motive: The self-esteem system as a sociometer. In M. Kernis (Ed.), *Efficacy, agency, and self esteem*. New York: Plenum. 123-144.

- Leary, M. R., Cottrell, C. A., & Phillips, M. (2001). Deconfounding the effects of dominance and social acceptance on self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 898-909.
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love: an exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.
- Lee, J. A. (1998). Ideologies of Lovestyle and Sexstyle. In Munck, V. C. (Eds.), *Romantic Love and Sexual Behavior: perspectives from the social sciences* Westport: Praeger Publishers.
- Lind, W. (2008). Casais biculturais e monoculturais: diferenças e recursos. Manuscrito não publicado, Dissertação de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Retirado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/977>
- Lorenz, K. (1937). The Companion in the Bird's World. *American Ornithologist's Union*, 54 (3), 245-273.
- Mathes, E., & Severa, N. (1981). Jealousy, romantic love, and liking: Theoretical considerations and preliminary scale development. *Psychological Reports*, 49, 23-31. doi: 10.1007/BF00992994
- Maslow, A. H. (1974) *Introdução à Psicologia do Ser*. Rio de Janeiro: Eldorado.
- Matos, P. M & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20 (1), 97-127.
- Miller, J., & Teddar, B. (2011). The discrepancy between expectations and reality: satisfaction in romantic relationships. Manuscrito não publicado. Retirado de <http://psych.hanover.edu/research/Thesis12/papers/Millar%20Teddar%20Final%20Paper.pdf>
- Mullen, P. E. & Maack, L. H. (1985) Jealousy, pathological jealousy and aggression. In *Aggression and Dangerousness*, 103–126. doi: 10.1007/978-1-4615-4773-0_27.
- Murstein, B. I. (1976). Stimulus-value-role: A theory of marital choice. *Journal of Marriage and the Family*, 32, 465-481
- Narciso, I., & Ribeiro, M.T. (2009). Olhares sobre a conjugalidade. Lisboa: Coisas de Ler.
- Neto, F. (1992). *Solidão embaraço e amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.
- Neto, F. (1994). Love styles among portuguese students. *The Journal of Psychology*, 128 (5), 613-616. doi: 10.1080/00223980.1994.9914919.
- Neto, F. (2000). *Psicologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pasini, W (1990). *Intimidade o outros espaço da afectividade*. Lisboa: Difusão Cultural.

- Pfeiffer, S. M., & Wong, P. T. P. (1989). Multidimensional Jealousy. *Journal of Social and Personal Relationships*, (6), 181 – 196. doi: 10.1177/026540758900600203
- Pines, A.M., & Aronson, E. (1983). Antecedents, correlates and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51, 108-136. doi: 10.1111/j.1467 6494.1983.tb00857
- Pines, A., M. (1991). Romantic Jealousy: Five perspectives and an Integrative Approach, 29, (4), 675-683. doi:10.1037/0033-3204.29.4.675
- Pines, A. M., Friedman, A. (1998). Gender Differences in Romantic Jealousy. *The Journal of Social Psychology*, 138 (1), 54-71. doi:10.1080/00224549809600353
- Prager, K. J. (2000). Intimacy in personal relationships. In C. Hendrick & S. Hendrick (Eds.), *Close relationships: A sourcebook*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Ltd. 229-242
- Regan, P. C. (2008). *The mating game: A primer on love, sex and marriage* (2^a ed.). California: Sage.
- Reis, H. X, & Patrick, B. C. (1996). Attachment and intimacy: Component processes. In E. T. Higgins & A. W. Kruglanski (Eds.), *Social psychology: Handbook of basic principles*. New Yark: Guilford Press, 523-563.
- Rempel, J. K., Holmes, J. G., & Zanna, M. P. (1985). Trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (1), 95-112. doi: 10.1037/0022-3514.49.1.95
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2006). Pre-engagement cohabitation and gender asymmetry in marital commitments. *Journal of Family Psychology*, 20 (4), 553–560. DOI: 10.1037/0893-3200.20.4.553
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2012a). The impact of the transition to cohabitation on relationship functioning: Cross-sectional and longitudinal findings. *Journal of Family Psychology*, 26 (3), 348-358. doi: 10.1037/a0028316.
- Roth, A.M.; Rosenberger, J.G.; Hensel, D.J.; Wiehe, S.E.; Fortenberry, J.D. & Wagner, K.D. (2015). Love moderates the relationship between partner type and condom use among women engaging in transactional vaginal sex. *Sexual Health*. doi: 10.1071/SH15167.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265-273. doi.org/10.1037/h0029841
- Rubin, Z. (1974). Measurement of romantic love. *International Journal of Group Tensions*, 495-513.

- Salovey, P. & Rodin, J. (1986). The Differentiation of Social-Comparison Jealousy and Romantic Jealousy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, (6) 1100- 1112. doi:10.1037/0022-3514.50.6.1100
- Shi, L. (2003). The association between adult attachment styles and conflict resolution in romantic relationships. *The American Journal of Family Therapy*, 31 (3), 143- 147. doi: 10.1080/01926180390167142
- Soares, I. (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento. Teoria e avaliação*. (1ªed.). Braga: Psiquilibrios.
- Sprecher, S., & Regan, P. C. (1998). Passionate and companionate love in courting and young married couples. *Sociological Inquiry*, 68, 163-185.
- Sternberg, R. J. (1986) A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119-135. doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119
- Sternberg, R. J. (1998). *Cupid's arrow: The course of love through time*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Takahashi K, Mizuno K, Sasaki AT, Wada Y, Tanaka M, Ishii A, Tajima K, Tsuyuguchi N, Watanabe K, Zeki S and Watanabe Y (2015) Imaging the passionate stage of romantic love by dopamine dynamics. *Frontiers in Human Neuroscience*, 9. doi: 10.3389/fnhum.2015.00191.
- Trinke, S., & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14 (5), 603- 625. doi: 10.1177/0265407597145002.
- Vaughn, M. J., & Baier, M. E. M. (1999). Reliability and validity of the relationship assessment scale. *The American Journal of Family Therapy*, 27 (2), 137-147. doi: 10.1080/019261899262023
- Ward, J. & Voracek, M. (2004). Evolutionary and social cognitive explanations of sex differences in romantic jealousy. *Australian Journal of Psychology*, 56, 165-171. doi: 10.1080/00049530412331283381
- Weerth, C. & Kalma, A. (1993). Female Aggression as a Response to Sexual Jealousy: A Sex Role Reversal? *Aggressive Behaviour*, 19, 265-279. doi: 10.1002/1098-2337
- White, G. L. (1981). *A Model of Romantic Jealousy Motivation and Emotion*, 5 (4) 295- 310. doi:10.1007/BF00992549
- White, G. L. (1981). Some Correlates of Romantic Jealousy. *Journal of Personality*, 49 129-147. doi: 10.1111/j.1467-6494.1981.tb00733.

- White, G. L., & Mullen, P. E. (1989). *Jealousy: Theory, Research, and Clinical Strategies*. New York: Guilford.
- Winter, D., Duncan, J. & Summerfield, E. (2008). Love hurts: explorations of love, validation and conflict. *Personal Construct Theory & Practice*, 5, 86-98.
- Wlodarski, R. & Dunbar, R. I. M. (2013) Examining the possible functions of kissing in romantic relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 42 (8), 1415-23. doi: 10.1007/s10508-013-0190-1.
- Wlodarski, R. (2014). What's in a Kiss? The effect of Romantic Kissing on Mate Desirability. *Evolutionary Psychology*, 12 (1); 178-199.
- Wlodarski, R. (2015). The Relationship Between Cognitive and Affective Empathy and Human Mating Strategies. *Evolutionary Psychological Science*, 1, 232-240. doi: 10.1007/s40806-015-0027-3.

Anexos

Caro participante,

Venho pedir a sua colaboração voluntária para participar num estudo sobre os comportamentos emocionais nos relacionamentos amorosos. Toda a informação recolhida é confidencial e anónima e os dados destinam-se apenas a tratamento estatístico. Não existem respostas certas ou erradas e caso assim o entenda, terá o direito de abandonar o estudo, a qualquer momento. Deve sentir-se à vontade para colocar todas as suas dúvidas ou questões. Agradeço a sua colaboração!

I. Dados demográficos

Sexo Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: _____ anos

Nº de anos de escolaridade: _____

Estado civil ☐ Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ Viúvo(a) ☐

☐ União de facto ☐ Divorciado(a)/separado(a)

Profissão: _____

Religião: _____

Etnia: _____

Orientação sexual: ☐ Heterossexual ☐ Homossexual ☐ Bissexual

Encontra-se atualmente envolvido numa relação romântica e comprometida?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, qual é a duração do seu relacionamento atual? _____ meses

Na sua relação atual, já ocorreram ruturas (separações-reconciliações)?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, quantas vezes? _____

II.

Cada uma das frases seguintes faz perguntas acerca da qualidade do seu relacionamento amoroso atual. Responda de acordo com a escala de 5 pontos. Faça uma cruz (X) no 1 se quer responder muito baixo à pergunta, no 2 se quer responder baixo, no 3 se quer responder moderado, no 4 se quer responder alto, e no 5 se quer responder muito alto. Não existem respostas certas ou erradas, dê a resposta que melhor o descreve. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

1-Até que ponto o seu parceiro satisfaz as suas necessidades?				
1	2	3	4	5
Pouco	Moderadamente		Bastante	
2-Em geral, até que ponto está satisfeito com a sua relação atual?				
1	2	3	4	5
Nada satisfeito	Moderadamente		Extremamente satisfeito	
3-Como considera a sua relação atual comparativamente à maioria das relações que conhece?				
1	2	3	4	5
Fraca	Moderada		Excelente	
4- Com que frequência pensa que não se deveria ter envolvido na sua relação atual?				
1	2	3	4	5
Nunca	Moderadamente		Muito frequentemente	
5- Em que medida a sua relação atual vai de encontro às suas expectativas iniciais?				
1	2	3	4	5
Praticamente em nada	Moderadamente		Completamente	
6- Em que medida ama o seu parceiro?				
1	2	3	4	5
Pouco	Moderadamente		Bastante	
7- Em que medida considera que a sua relação atual tem problemas?				
1	2	3	4	5
Nada	Moderadamente		Bastantes	

III.

Leia cada uma das seguintes afirmações, indique até que ponto concorda ou discorda com cada uma. Faça a sua resposta na escala de 1 a 9 que se encontra à direita da sua frase.

De modo nenhum			Moderadamente				Extremamente		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	

1-Promovo ativamente o bem-estar do meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
2-Tenho um relacionamento carinhoso com o meu parceiro	1	2	3	4	5	6	7	8	9
3- Quando necessito, posso contar com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
4- Quando necessário, o meu parceiro pode contar comigo.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
5- Estou disposto em partilhar os meus bens com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
6- Recebo um apoio emocional considerável por parte do meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
7- Dou um apoio emocional considerável ao meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
8- Tenho uma boa comunicação com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
9- Na minha vida, valorizo muito o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
10- Sinto-me próximo do meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
11- Tenho uma relação agradável com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
12- Sinto que realmente entendo o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
13- Sinto que o meu parceiro me entende.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
14- Sinto que posso confiar no meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
15- Partilho assuntos pessoais com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
16- Só de olhar para o meu parceiro, fico entusiasmado.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
17- Várias vezes, dou por mim a pensar no meu parceiro durante o dia.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
18- A minha relação com o meu parceiro é muito romântica.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
19- Acho que o meu parceiro é muito atraente.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
20- Idealizo o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9

De modo nenhum			Moderadamente				Extremamente		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	

21- Não posso imaginar que outra pessoa me faça tão feliz quanto o meu parceiro me faz.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
22- Eu prefiro estar com o meu parceiro do que com qualquer outra pessoa.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
23- Não há nada mais importante para mim do que o meu relacionamento com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
24- Gosto muito do contacto físico com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
25- Existe alguma coisa «mágica» no meu relacionamento com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
26- Adoro o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
27- Não posso imaginar a minha vida sem o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
28- A minha relação com o meu parceiro é apaixonada.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
29- Quando vejo filmes românticos ou leio livros românticos, penso no meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
30- Fantasio sobre o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
31- Sei que me preocupo com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
32- Comprometo-me a manter meu relacionamento com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
33- Tenho um compromisso com o meu parceiro, portanto não permitirei que outras pessoas se ponham entre nós.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
34- Confio na estabilidade do meu relacionamento com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
35- Não deixaria que nada atrapalhasse o meu compromisso com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
36- Espero que meu amor pelo meu parceiro dure o resto da minha vida.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
37- Sinto-me fortemente responsável pelo meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
38- Vejo como sólido o meu compromisso com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
39- Não consigo imaginar o fim do relacionamento com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
40- Estou certo do meu amor pelo meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9

De modo nenhum			Moderadamente				Extremamente		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	

41- Vejo a minha relação com o meu parceiro como permanente.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
42- Vejo a minha relação com o meu parceiro como uma boa decisão.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
43- Tenho um sentimento de responsabilidade pelo meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
44- Planeio continuar a minha relação com o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
45- Mesmo quando é difícil lidar com o meu parceiro, mantenho-me comprometido com a nossa relação.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9

IV. Por favor, pense na pessoa que ama neste momento. Para cada pergunta, assinale com um círculo, a resposta que lhe parece ser a mais verdadeira, de acordo com a escala de 1 a 9 pontos abaixo.

Totalmente falso			Moderadamente verdadeiro				Totalmente verdadeiro		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	

1-Desde que me envolvi com o meu parceiro, as minhas emoções estiveram numa montanha russa.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
2- Sentiria um desespero profundo se o meu parceiro me deixasse.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
3- As vezes o meu corpo treme de excitação quando vejo o meu parceiro....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
4- Sinto muito prazer ao estudar os movimentos e os ângulos do corpo do meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
5- As vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos; são obsessivos em relação ao meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
6- Sinto-me feliz quando faço alguma coisa para que o meu parceiro seja feliz.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Totalmente falso			Moderadamente verdadeiro				Totalmente verdadeiro		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	

7- Prefiro estar com o meu parceiro do que com qualquer outra pessoa.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
8- Fico com ciúmes só de pensar que o meu parceiro pode estar apaixonado por outra pessoa.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
9- Ninguém pode amar o meu parceiro como eu o amo.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
10- Desejo saber tudo sobre o meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
11- Desejo o meu parceiro física, emocional e mentalmente.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
12- Vou amar o meu parceiro para sempre.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
13- Derreto-me quando lhe olho profundamente nos olhos.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
14- Sinto bastante carinho pelo meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
15- Para mim, o meu parceiro é romântico e perfeito.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
16- O meu parceiro é a pessoa que pode fazer-me o mais feliz possível.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
17- Quando o meu parceiro me toca, sinto o meu corpo a responder.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
18- Sinto carinho pelo meu parceiro.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
19- O meu parceiro está sempre na minha mente.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
20- Se estivesse separado do meu parceiro por um longo período, sentiria uma grande solidão.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
21- As vezes sinto que é difícil concentrar-me no trabalho porque o meu parceiro ocupa os meus pensamentos.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
22- Quero que o meu parceiro conheça os meus pensamentos, os meus medos e as minhas esperanças.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
23- Saber que o meu parceiro preocupa-se comigo, faz-me sentir realizado.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9
24- Procuro sinais que indiquem que o meu parceiro deseja-me.....	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Totalmente falso			Moderadamente verdadeiro			Totalmente verdadeiro		
1	2	3	4	5	6	7	8	9

25- Se o meu parceiro estiver a passar por um período difícil, ponho as minhas próprias preocupações de lado para ajudá-lo.....	1 2 3 4 5 6 7 8 9
26- O meu parceiro deixa-me efervescente e atordoado.....	1 2 3 4 5 6 7 8 9
27- Na presença do meu parceiro, tenho desejo de nos tocarmos mutuamente.....	1 2 3 4 5 6 7 8 9
28-A minha vida sem o meu parceiro seria escura e triste	1 2 3 4 5 6 7 8 9
29- Sinto uma forte atração pelo meu parceiro	1 2 3 4 5 6 7 8 9
30- Fico deprimido quando as coisas não estão bem com o meu parceiro	1 2 3 4 5 6 7 8 9

V.

São apresentadas várias afirmações que refletem diferentes atitudes em relação ao amor. Para cada afirmação assinale até que ponto está em acordo ou em desacordo com ela. Alguns dos itens referem-se a uma relação amorosa específica, enquanto outros se referem a atitudes e crenças gerais sobre o amor. Sempre que possível, responda às questões tendo em mente o seu parceiro.

1-Concordo totalmente	2- Concordo moderadamente	3-Não concordo nem discordo	4-Discordo moderadamente	5-Discordo totalmente
-----------------------	---------------------------	-----------------------------	--------------------------	-----------------------

1-Eu e o meu parceiro ficámos atraídos um pelo outro assim que nos conhecemos.....	1 2 3 4 5
2-Eu e o meu parceiro temos uma "química" física ideal.....	1 2 3 4 5
3-O nosso relacionamento físico é muito intenso e satisfatório.....	1 2 3 4 5
4-Sinto que o meu parceiro e eu fomos feitos um para o outro.....	1 2 3 4 5
5-O meu parceiro e eu envolvemo-nos emocionalmente com muita rapidez.....	1 2 3 4 5
6- O meu parceiro e eu compreendemo-nos.....	1 2 3 4 5
7- O meu parceiro corresponde ao meu ideal de beleza física.....	1 2 3 4 5

1-Concordo totalmente	2- Concordo moderadamente	3-Não concordo nem discordo	4-Discordo moderadamente	5-Discordo totalmente
--------------------------	------------------------------	--------------------------------	-----------------------------	--------------------------

8-Tento manter o meu parceiro numa certa incerteza em relação ao meu comprometimento com ele.....	1 2 3 4 5
9-Acredito que aquilo que o meu parceiro não sabe de mim não o magoará.....	1 2 3 4 5
10-Por vezes tive que evitar que dois namorados meus soubessem da existência um do outro.....	1 2 3 4 5
11-Recomponho-me de casos amorosos muito fácil e rapidamente.....	1 2 3 4 5
12-O meu parceiro ficaria aborrecido se soubesse de algumas coisas que eu fiz com outras pessoas.....	1 2 3 4 5
13-Quando o meu parceiro fica demasiado dependente de mim, tento voltar um pouco a atrás.....	1 2 3 4 5
14-Gosto de jogar o "jogo do amor" com diferentes companheiros.....	1 2 3 4 5
15-É difícil dizer exatamente onde acaba a amizade e começa o amor.....	1 2 3 4 5
16-O amor genuíno requer que as pessoas se conheçam e gostem um do outro durante algum tempo.....	1 2 3 4 5
17-Espero ser sempre amigo de quem amo.....	1 2 3 4 5
18- O melhor amor cresce a partir de uma amizade longa.....	1 2 3 4 5
19- A nossa amizade transformou-se gradualmente em amor ao longo do tempo.....	1 2 3 4 5
20-O amor é uma amizade muito profunda, não uma emoção misteriosa ou mística.....	1 2 3 4 5
21-As minhas relações amorosas mais satisfatórias desenvolveram-se a partir de boas amizades.....	1 2 3 4 5
22-Tenho em consideração o que a pessoa tenciona ser na vida antes de me comprometer com ela.....	1 2 3 4 5
23-Tento planear a minha vida cuidadosamente antes de escolher um parceiro.....	1 2 3 4 5
24- É melhor amar alguém de um meio semelhante ao nosso.....	1 2 3 4 5

1-Concordo totalmente	2- Concordo moderadamente	3-Não concordo nem discordo	4-Discordo moderadamente	5-Discordo totalmente
--------------------------	------------------------------	--------------------------------	-----------------------------	--------------------------

25-Um aspeto principal a considerar na escolha de um parceiro é o modo como a minha família o vê.....	1 2 3 4 5
26-Um importante fator na escolha de um companheiro é se ele será ou não um bom (boa) pai (mãe).....	1 2 3 4 5
27-Uma consideração na escolha de um companheiro é o modo como ele interferirá na minha carreira.....	1 2 3 4 5
28-Antes de me envolver muito com uma pessoa, tento saber se existe compatibilidade hereditária no caso de irmos a ter filhos.....	1 2 3 4 5
29-Quando as coisas não estão bem entre mim e o meu parceiro, o meu estômago fica perturbado.....	1 2 3 4 5
30- Quando os meus relacionamentos amorosos acabam, fico tão deprimido que até já pensei no suicídio.....	1 2 3 4 5
31-Por vezes fico tão excitado por estar a namorar que não consigo dormir.....	1 2 3 4 5
32-Quando o meu parceiro não me presta atenção, sinto-me doente.....	1 2 3 4 5
33-Quando namoro, tenho problemas em concentrar-me noutra coisa.....	1 2 3 4 5
34-Não consigo relaxar quando suspeito que o meu parceiro está com outra pessoa.....	1 2 3 4 5
35-Quando o meu parceiro não me liga durante algum tempo, tenho atitudes desadequadas para tentar atrair novamente a sua atenção.....	1 2 3 4 5
36- Em situações de dificuldade, tento sempre ajudar o meu parceiro	1 2 3 4 5
37-Prefiro sofrer a deixar o meu parceiro sofrer.....	1 2 3 4 5
38-Só posso ser feliz pondo a felicidade do meu parceiro antes da minha.....	1 2 3 4 5
39-Geralmente estou disposto a sacrificar os meus desejos para que o meu parceiro alcance os seus.....	1 2 3 4 5

1-Concordo totalmente	2- Concordo moderadamente	3-Não concordo nem discordo	4-Discordo moderadamente	5-Discordo totalmente
--------------------------	------------------------------	--------------------------------	-----------------------------	--------------------------

40-Qualquer objeto que seja meu, o meu parceiro pode utiliza-lo como desejar.....	1 2 3 4 5
41-Quando o meu parceiro se zanga comigo, eu continuo a amá-lo totalmente e incondicionalmente.....	1 2 3 4 5
42-Eu suportaria todas as coisas pelo bem-estar do parceiro.....	1 2 3 4 5

VI.

Utilizando a escala de 7 pontos abaixo, indique até que ponto concorda ou discorda com as seguintes afirmações.

Discordo Totalmente	Neutro			Concordo Totalmente		
-3	-2	-1	0	1	2	3

1- O meu parceiro mostrou ser de confiança e vou deixa-lo fazer coisas que outros parceiros acham ameaçadoras.....	-3 -2 -1 0 1 2 3
2- Mesmo quando desconheço a reação do meu parceiro, sinto-me à vontade em lhe contar coisas acerca de mim, mesmo das quais tenho mais vergonha.....	-3 -2 -1 0 1 2 3
3- Apesar dos tempos poderem mudar e do futuro ser incerto, eu sei que o meu parceiro estará sempre pronto e disposto a dar-me força e apoio.....	-3 -2 -1 0 1 2 3
4- Eu nunca tenho a certeza se o meu parceiro não fará algo que eu não goste ou que me envergonhe.....	-3 -2 -1 0 1 2 3
5- O meu parceiro é muito imprevisível. Eu nunca sei como é que ele vai agir no dia seguinte.....	-3 -2 -1 0 1 2 3
6- Sinto-me muito desconfortável quando o meu parceiro tem de tomar decisões que me vão afetar.....	-3 -2 -1 0 1 2 3
7- Eu percebi que o meu parceiro é muito dependente, especialmente quando se trata de coisas que são importantes para mim.....	-3 -2 -1 0 1 2 3

Discordo Totalmente				Neutro				Concordo Totalmente
-3	-2	-1	0	1	2	3		

8- O meu parceiro comporta-se de uma forma estável.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
9- Sempre que é necessário tomar uma decisão importante numa situação nova, eu sei que o meu parceiro vai preocupar-se com o meu bem-estar.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
10- Tenho a certeza que o meu parceiro irá partilhar assuntos comigo mesmo que eu não esteja à espera.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
11- Eu posso esperar que o meu parceiro reaja de uma maneira positiva quando eu exponho as minhas fraquezas.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
12- Quando partilho os meus problemas com o meu parceiro, eu sei que ele irá responder de um modo amoroso até antes mesmo de eu dizer alguma coisa.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
13- Tenho a certeza que o meu parceiro não me iria trair, mesmo que surgisse uma oportunidade de não ser descoberto.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
14- Às vezes evito o meu parceiro por ser imprevisível e tenho medo de dizer ou fazer algo que possa criar conflito.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
15- Posso confiar no meu parceiro para cumprir as promessas que me faz.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
16- Quando estou com o meu parceiro, sinto-me seguro perante situações novas e desconhecidas.....	-3	-2	-1	0	1	2	3
17- Mesmo quando o meu parceiro dá desculpas pouco plausíveis, eu confio que ele está a dizer a verdade.....	-3	-2	-1	0	1	2	3

VII.

Seguidamente vai encontrar algumas situações hipotéticas sobre relacionamentos românticos. É pedido que responda a cada uma das seguintes questões pensando na pessoa com quem mantém ou manteve no passado um relacionamento romântico intenso. Com que frequência tem os seguintes pensamentos acerca do seu parceiro romântico? Faça um círculo em cima de um número da escala de 1 a 7 para indicar a sua resposta.

Nunca

Sempre

1- Suspeito que o meu parceiro se encontra secretamente com outra pessoa do sexo oposto.....	1 2 3 4 5 6 7
2-Estou preocupado que alguém do sexo oposto ande a perseguir o meu parceiro.....	1 2 3 4 5 6 7
3-Suspeito que o meu parceiro se sinta atraído por outra pessoa do sexo oposto.....	1 2 3 4 5 6 7
4-Suspeito que o meu parceiro esteja envolvido fisicamente com outra pessoa do sexo oposto nas minhas costas.....	1 2 3 4 5 6 7
5- Acho que algumas pessoas do sexo oposto estão romanticamente interessadas no meu parceiro.....	1 2 3 4 5 6 7
6- Preocupa-me que outra pessoa do sexo oposto esteja a tentar seduzir o meu parceiro.	1 2 3 4 5 6 7
7- Acho que o meu parceiro está a ter uma relação íntima e secreta com outra pessoa do sexo oposto.....	1 2 3 4 5 6 7
8- Suspeito que o meu parceiro se sinta interessado por outras pessoas do sexo oposto...	1 2 3 4 5 6 7

Com que frequência tem os seguintes comportamentos? Faça um círculo em cima de um número da escala de 1 a 7 para indicar a sua resposta

Nunca

Sempre

9- Mexo nas gavetas, nas pastas ou nos bolsos do meu parceiro.....	1 2 3 4 5 6 7
10-Telefone inesperadamente ao meu parceiro apenas para saber onde está.....	1 2 3 4 5 6 7
11- Questiono o meu parceiro sobre relações românticas antigas e/ou recentes.....	1 2 3 4 5 6 7
12- Costumo dizer algo negativo a propósito de alguém do sexo oposto sobre o qual o meu parceiro mostra algum interesse.....	1 2 3 4 5 6 7
13- Questiono o meu parceiro sobre os seus telefonemas.....	1 2 3 4 5 6 7
14-Questiono o meu parceiro sobre os seus paradiros.....	1 2 3 4 5 6 7
15-Aproximo-me quando vejo o meu parceiro a falar com outra pessoa do sexo oposto.	1 2 3 4 5 6 7
16- Faço visitas surpresas ao meu parceiro apenas para ver com quem ele está.....	1 2 3 4 5 6 7

Como seria a sua reação emocional face às seguintes situações? Faça um círculo em cima de um número da escala de 1 a 7 para indicar a sua resposta.

Muito
satisfatório

Pouco
Satisfatório

17-O seu parceiro comenta consigo que alguém do sexo oposto é atraente.....	1 2 3 4 5 6 7
18- O seu parceiro mostra um grande interesse ou entusiasmo em alguém do sexo oposto.....	1 2 3 4 5 6 7
19- O seu parceiro sorri de uma forma muito amigável a outra pessoa do sexo oposto.	1 2 3 4 5 6 7
20- Alguém do sexo oposto está constantemente a tentar aproximar-se do seu parceiro	1 2 3 4 5 6 7
21-O seu parceiro namorisca com outra pessoa do sexo oposto.....	1 2 3 4 5 6 7
22-Alguém do sexo oposto anda a encontrar-se com o seu parceiro.....	1 2 3 4 5 6 7
23-O seu parceiro abraça e beija alguém do sexo oposto.....	1 2 3 4 5 6 7
24-O seu parceiro trabalha ao lado de alguém do sexo oposto (na escola ou no escritório).....	1 2 3 4 5 6 7